

**IFSP – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo**

**ANA PAULA PIRES TRINDADE**

**A AUTORIA DA ESCRITA NA ERA DA COMUNICAÇÃO DIGITAL:  
AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**SÃO PAULO**

**2012**

**IFSP – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo**

**ANA PAULA PIRES TRINDADE**

**A AUTORIA DA ESCRITA NA ERA DA COMUNICAÇÃO DIGITAL:  
AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA FORMAÇÃO DE  
PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Monografia apresentada à Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), como parte dos requisitos para a conclusão do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Formação de Professores – Ênfase no Magistério Superior.

Orientador: Prof. Ms. Eduardo J. Stefanelli

**SÃO PAULO**

**2012**

**ANA PAULA PIRES TRINDADE**

**A autoria da escrita na era da comunicação digital:** As tecnologias da informação e comunicação na formação de professores da educação básica

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Ms. Eduardo J. Stefanelli**

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo**

---

**Prof. Ms. José Maria Carlini**

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo**

---

**Prof. Ms. Osvaldo Canato Júnior**

**Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo**

Conceito: 10.0

São Paulo, 05/07/2012

*Dedico este trabalho à minha amada filha Amanda e ao meu querido marido Kleber pelo apoio e pela compreensão nos momentos em que precisei durante a realização deste curso e principalmente deste trabalho.*

*Aos meus pais Rosy e Diamantino e aos meus avós Maria e Nicolau e minha madrinha Rosemary pelo apoio e carinho incondicionais.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu pai e professor, Diamantino Fernandes Trindade, pelas lições oferecidas na escola e principalmente na vida.

Ao meu orientador Professor Mestre Eduardo J. Stefanelli, pela seriedade, dedicação e profissionalismo dedicados a este trabalho.

Às professoras Adriana Milaré de Medeiros Caminitti e Edna de Fátima Santos Giannini, formadoras de professores orientadores de Informática Educativa na Diretoria Regional de Ensino – Ipiranga da Prefeitura do Município de São Paulo, pelo trabalho gratificante que temos construído nos últimos anos.

*"A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe."*

**Jean Piaget**

TRINDADE, Ana Paula Pires. **A autoria da escrita na era da comunicação digital:** As tecnologias da informação e comunicação na formação de professores da educação básica. Monografia de Conclusão de Curso de Pós Graduação Lato Sensu em Formação de Professores com ênfase no Ensino Superior, Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia – SP. São Paulo. 2012, 63f.

## **RESUMO**

Esta monografia tem o objetivo de discutir o desenvolvimento da autoria da escrita e o seu papel na construção do sujeito no âmbito escolar, especialmente, na educação básica do município de São Paulo, tendo como contexto sócio histórico as mídias digitais e o ciberespaço, bem como investigar o perfil e a formação do professor que interage com estes discentes no meio digital. Para desenvolver esta temática e justificar o seu ponto de vista a autora tem como eixo teórico o sujeito socio-histórico de Vygotsky e suas teorias sobre pensamento, linguagem e mediação. O sujeito autor é abordado numa visão psicopedagógica baseada na teoria de Alícia Fernández, cuja concepção de autoria está diretamente relacionada ao desejo e à autonomia, e no filósofo da informação, Pierre Lévy que fundamenta o pensamento sobre o contexto social da cibercultura. Este estudo também questiona o real papel do mediador no processo de aquisição da autoria no sujeito auxiliado pelas mídias digitais e a formação desse profissional e conclui que os Cursos Superiores de Licenciatura em Letras em sua maioria ainda não tem a preocupação de inserir esse profissional no ciberespaço.

Palavras-chave: Autoria, aprendizagem, comunicação digital, formação de professores.

## **ABSTRACT**

This term paper intends to discuss the written authorship development and its role on the subject's knowledge building at the school environment, especially in the elementary school in the city of São Paulo, the social historical context are the digital media and the cyberspace, as well as investigate the profile and background education of the teacher who is interacting with this student on the cyberspace. In order to develop this theme and justify her point of view, the author uses as theoretical axle Vigotsky's social historical subject, and his theories about thought, language and mediation. The author subject is approached based on Alicia Fernández psychopedagogy point of view, whose conception of authorship is related to desire and autonomy, and on the information philosopher, Pierre Lévy who grounds the thought of ciberculture social context. It This study also questions the real role of the mediator on the process of authorship acquisition on the subject aided by digital media and this professional graduation, it comes to the conclusion that most of the Languages Higher Education Courses are not contextualizing the teacher on the cyberspace.

**Key Words:** Authorship, learning, digital communication, teacher's graduation.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>1. A LINGUAGEM ESCRITA E A EVOLUÇÃO DO SEU PAPEL SOCIAL</b>	<b>11</b>
1.1. A Evolução da Linguagem como Expressão do Pensamento	11
1.2. A Linguagem Escrita e a Aprendizagem	13
1.3. Desenvolvimento de Conceitos Científicos a partir da Linguagem Escrita	14
1.4. A Escrita como Meio de Interação Social	15
1.5. A Escrita no Contexto Digital – O Ciberespaço	18
<b>2. A AUTORIA DA ESCRITA E A ERA DA COMUNICAÇÃO DIGITAL</b>	<b>20</b>
2.1. O Autor e o Desejo	20
2.2. A Autoria e a Autonomia	22
2.3. A Autoria da Escrita e a Aprendizagem	23
2.4. A Escola e Autoria da Escrita	25
2.5. O Sujeito Sócio Histórico e Autoria da Escrita	27
<b>3. CURRÍCULO DE TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO</b>	<b>30</b>
3.1. O Letramento Digital e os Nativos Digitais	30
3.2. O Aluno Autor – Expectativas de Aprendizagem	33
3.3. A Aprendizagem Colaborativa	35
3.4. A Autoria da Escrita como Veículo de Comunicação e Expressão da Cidadania	36
<b>4. FORMAÇÃO DE LICENCIADOS EM LETRAS NA ERA DA COMUNICAÇÃO DIGITAL</b>	<b>39</b>
4.1. O Nativo Digital e o Professor Mediador	39
4.1.1. O Nativo Digital como Protagonista da Construção do Conhecimento	42
4.2. A Formação Superior do Professor Mediador	43
4.3. A Formação Continuada e a Educação a Distância	45
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>48</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>51</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>53</b>

## INTRODUÇÃO

*“O que nos encanta e nos entusiasma nunca é o passado por muito rico que seja, mas o futuro que encerra em si mesmo a criação, a aventura e a vida”. A escola nunca é uma paragem. É estrada aberta para os horizontes que devem conquistar-se. Vai ao encontro da manhã. (Celestin Freinet, 1967)*

Constitui interesse neste trabalho contextualizar o desenvolvimento da autoria da escrita no cenário do século XXI, na Era das Mídias Digitais.

Considerando o ciberespaço como um espaço social, não podemos descartar que a aprendizagem também ocorre no mundo virtual, através de chats com os professores dentro e fora do horário escolar, de ambientes de aprendizagem colaborativa que estendem o tempo e o espaço da sala de aula, de redes sociais e e-mails.

Nesse novo contexto, que requer um novo olhar sobre a educação, novas ferramentas e ambientes são frutíferos para o desenvolvimento da autoria da escrita. A pergunta que esta pesquisa pretende responder é se as universidades estão dando a devida importância à preparação de professores para atuar com a geração de nativos digitais que estão na Educação Básica, e assumir a missão de formar autores de seu próprio pensamento e protagonistas de seu aprendizado.

A hipótese para o desenvolvimento deste trabalho é que o meio sociocultural, as mídias digitais e as tecnologias da informação e comunicação influem no processo da autoria do pensamento e conseqüentemente na autoria da escrita de um modo que pode ser classificado em algumas circunstâncias como benéfico ou maléfico, porém todo indivíduo a tem capacidade de desenvolver a autoria contanto que seja estimulado. Porém, os Cursos Superiores de Licenciatura em Letras da cidade de São Paulo estão dando a devida importância às mídias digitais e à geração de nativos digitais nascida neste contexto sintonizando os professores com esse momento histórico?

Os avanços tecnológicos estão presentes em todos os lugares: nos bancos, nos supermercados, nos hospitais, entre outros, entretanto, esses avanços chegam

lentamente à escola, mais especificamente, à Rede Municipal de Ensino da Cidade de São Paulo condenando os alunos nascidos em plena Revolução Tecnológica a desenvolver a autoria da escrita sem fazer uso da linguagem digital presente em seu cotidiano. Em vista desse contexto esta monografia pretende lançar luz sobre este debate e auxiliar educadores a estimular o processo de autoria no sujeito, levando em consideração o contexto das mídias digitais.

O presente trabalho será fundamentalmente bibliográfico e analítico, tendo como eixos teóricos os seguintes autores: Alicia Fernandez, psicopedagoga argentina, que fundamenta o processo de construção da Autoria da Escrita, L.S. Vigotsky, no que concerne ao pensamento, à linguagem e à formação social da mente e Pierre Lévi, conceituado filósofo da informação e referência no que tange a Cibercultura. Será analisado o Currículo de Tecnologias da Informação e Comunicação da Rede Municipal de Ensino de São Paulo, bem como, os currículos de cursos de licenciatura de algumas universidades públicas e privadas na cidade de São Paulo, cujos currículos encontravam-se disponíveis na Internet para avaliar a importância dada por essas formadoras de formadores às mídias digitais na formação básica.

A monografia está organizada da seguinte maneira. O capítulo primeiro discute a Linguagem Escrita sob a ótica de Vigotsky e sua importância no processo de aprendizagem e o seu papel no meio social e no contexto digital. O capítulo segundo trata do processo de desenvolvimento da Autoria da Escrita à luz de Alicia Fernández e a sua importância no Ciberespaço, fundamentada pelo filósofo Pierre Levy. O terceiro capítulo apresenta e analisa em detalhes o Currículo de Tecnologias da Informação e Comunicação e o seu foco no sujeito autor. Finalmente, o último capítulo traça um perfil do professor mediador, novamente, sob a ótica de Vigotsky e Fernández e a sua formação inicial e continuada. Por fim, conclui-se que ainda é necessário um aprofundamento maior dos Cursos de Ensino Superior em Licenciatura na inserção do professor no contexto digital.

## **1 – A LINGUAGEM ESCRITA E A EVOLUÇÃO DO SEU PAPEL SOCIAL**

### **1.1. A Evolução da Linguagem como Expressão do Pensamento**

Desde a pré-história, o ser humano vive coletivamente por uma questão de sobrevivência. E foi por causa da coletividade que a humanidade começou a se diferenciar dos primatas no seu processo de desenvolvimento. Uma tribo “copiando” os métodos e costumes da outra e, assim, a civilização se desenvolveu, baseada em acertos e erros cometidos anteriormente e através de processos aprimorados com o tempo.

A linguagem surge a partir da necessidade que temos de nos comunicar com nossos semelhantes, e é um fenômeno essencialmente humano, na medida em que atribuímos nomes a objetos concretos, situações abstratas e conceitos que nos permitem expressar universalmente nossas ideias mesmo quando esses objetos e ações não estão presentes. O outro também entende o significado das palavras ou símbolos que usamos para nos expressar e é esta habilidade que nos difere dos animais, uma vez que podemos formular hipóteses, usar a imaginação, classificar e criar. Essas habilidades são chamadas por Vygotsky de Funções Psicológicas Superiores.

A linguagem também nos permite transmitir conhecimento de um para o outro e assim, como dito anteriormente, é um mediador entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Vygotsky (1989:5), ao abordar a importância da linguagem, enfatiza que:

Na ausência de um sistema de signos, linguísticos ou não, somente o tipo de comunicação mais primitivo e limitado torna-se possível a comunicação por meios de movimentos expressivos, observada principalmente entre os animais, é mais uma efusão afetiva do que comunicação. Um ganso amedrontado, pressentindo subitamente algum perigo, ao alertar o bando inteiro com seus gritos, não está informando aos outros aquilo que viu, mas antes contagiando-os com seu medo.

A palavra é, segundo Vygotsky, um fenômeno tanto da fala como do pensamento, uma vez que os dois estão ligados pelo contexto social, ou seja, a palavra é um signo compartilhado entre indivíduos de um mesmo ambiente sociocultural e seu conceito é compreendido tanto por quem o diz como por quem o escuta e, nesse sentido, tem um papel social (significado propriamente dito). Porém, a palavra também pode ter um significado único para uma determinada pessoa e, nesse sentido, a palavra tem um papel individual (sentido). Referindo-se ao significado da palavra, Vygotsky (1989:104) aponta que este

...representa um amálgama tão estreito do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento. Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da 'palavra', seu componente indispensável. Pareceria, então, que o significado poderia ser visto como um fenômeno da fala. Mas, do ponto de vista da psicologia, o significado de cada palavra é uma generalização ou conceito. E como as generalizações e os conceitos são inegavelmente atos de pensamento, podemos considerar o significado como um fenômeno do pensamento.

A palavra é também um mediador na internalização do objeto de conhecimento, pois a partir do momento em que o ser humano se desenvolve começa a substituir elementos externos de mediação (palavras faladas, símbolos, instrumentos) por internos (palavras não faladas - pensamento) e assim apropria-se do conhecimento de fora para dentro, ou seja, primeiramente socialmente e depois individualmente. Ou, nas palavras de Vygotsky, **interpsicologicamente** e posteriormente **intrapsicologicamente**.

É essa internalização (reconstrução interna das construções externas) dos símbolos, obtida através da linguagem, que faz do homem um ser sociocultural, pois cada um internalizará o conhecimento proveniente do grupo com o qual convive e isso reforça a ideia de que o homem é um produto de seu meio.

A evolução da fala (linguagem) em pensamento acontece quando a criança começa a falar alto para ajudá-la a formular planos de ações e essa verbalização, que não se dirige a ninguém mais, a não ser à própria criança chama-se **fala egocêntrica** (o primeiro passo da evolução do pensamento). Quando a criança não precisa mais verbalizar essas ações, denomina-se esse processo de **discurso interior** e, assim, a linguagem não se dissocia mais do pensamento.

Em resumo, a linguagem é, primeiramente, um meio de comunicação e depois evolui em linguagem interior que culmina no pensamento, ou seja, torna-se uma ferramenta psicológica, originada nas relações sociais. Nesse sentido, a linguagem ocupa um lugar privilegiado na teoria de Vygotsky.

## 1.2. A Linguagem Escrita e a Aprendizagem

Ao falar-se de aprendizagem, é imprescindível discutir-se também acerca da linguagem, pois é, principalmente, através dela que se dá a construção do conhecimento.

É pela linguagem que o sujeito expressa suas vontades, se faz entender e também aprende e ensina. Isso se dá, porque a linguagem se constitui de signos que são compreendidos, em uma determinada sociedade, tanto por quem os expressa como por seu interlocutor.

Já, a linguagem Escrita, apesar de expressar a mesma coisa, é mais complexa que a linguagem falada, pois, demanda uma dupla decodificação, primeiro do aspecto sonoro e depois do seu significado. A escrita também não é espontânea como a falada, que é estimulada pela necessidade de comunicação, ela exige uma motivação voluntária. Ao abordar a linguagem escrita, Vygotsky (1989:316-317) enfatiza que:

A linguagem interior é uma linguagem estenográfica reduzida e abreviada no máximo grau. A escrita é desenvolvida no grau máximo. [...] Trata-se de uma linguagem orientada no sentido de propiciar o máximo de inteligibilidade ao outro. [...] A passagem da linguagem interior abreviada no máximo grau, da linguagem para si, para a linguagem escrita desenvolvida no grau máximo, linguagem para o outro, requer da criança operações sumamente complexas de construção arbitrária do tecido semântico.

A linguagem escrita, desse modo, é um processo diferente do processo da linguagem falada, não somente por ser mais complexo, mas também, porque é uma ação intelectual intencional do indivíduo. Essa ação individual de registrar o pensamento.

É através da linguagem escrita, que a história de uma sociedade é disseminada de geração em geração, é através dela, que experiências passadas são compartilhadas e, assim, a própria existência humana é aperfeiçoada, como veremos próximo subcapítulo.

### **1.3. Desenvolvimento de conceitos científicos a partir da Linguagem Escrita**

Vygotsky (1989:243) salienta que:

O acúmulo de conhecimentos leva invariavelmente ao aumento dos tipos de pensamento científico, o que, por sua vez, se manifesta no desenvolvimento do pensamento espontâneo e redundando na tese do papel prevalente da aprendizagem no desenvolvimento do aluno escolar.

Depois que o indivíduo se familiariza com a linguagem escrita, e faz uso consciente das palavras, é que ele está pronto para o desenvolvimento de conceitos científicos.

Quando o indivíduo internaliza uma série de funções superiores como: a memória lógica, a abstração, a comparação e a discriminação, e as usa para estabelecer relações e transformar conhecimentos prévios, apropriados, em um conhecimento novo, ele desenvolveu seu pensamento científico, pois essas funções não são elaboradas de maneira automática, e sim, são fruto de uma reflexão sobre conceitos, já definidos no decorrer da história da humanidade.

Os conceitos científicos são formados quando o indivíduo é capaz de levantar hipóteses, e usar a sua imaginação para atualizar e aperfeiçoar conceitos antigos de forma consciente e sistemática. E a respeito dos conceitos científicos, Vygotsky (1989:290) sinaliza que:

“ e de inter-relações –, são o campo em que a tomada de consciência dos conceitos, ou melhor, a sua generalização e a sua apreensão parecem surgir antes de qualquer coisa. Assim surgida em um campo do pensamento, a nova estrutura da generalização, como qualquer estrutura, é posteriormente transferida como um princípio de atividade sem nenhuma memorização para todos os outros campos do pensamento e dos conceitos.

#### **1.4. A Escrita como Meio de Interação Social no Contexto Atual**

Segundo Vygotsky (1984:131):

A compreensão da linguagem escrita é efetuada primeiramente através da linguagem falada: no entanto gradualmente essa via é reduzida, abreviada, e a linguagem falada desaparece como elo intermediário.

A escrita surgiu quando o homem passou de nômade para sedentário, e começou a cultivar seu alimento e criar animais, ou seja, o homem precisava de um recurso para registrar o número de animais que possuía, quanto alimento havia estocado. Mais tarde, a escrita foi utilizada para registrar os dias do ano (calendário),

posteriormente, começou-se a usar a escrita para registrar grandes feitos, batalhas, tratados, proclamações de governantes, casamentos, empréstimos, orações, e assim por diante. Não era necessário que pessoas comuns dominassem a escrita, pois, seus ofícios não exigiam tal conhecimento. Posteriormente, obras literárias começavam a ser registradas e pessoas de classe mais alta, também, aprendiam a ler para ter acesso a tal conhecimento. Ainda assim, dominar ou não a escrita, não fazia diferença para a maioria das pessoas.

No final do século XVIII, ocorrem mudanças drásticas em nossa sociedade, a revolução industrial e seus avanços tecnológicos diminuem as pequenas oficinas e dão lugar a produtos fabricados em massa, acabando com a classe de artesãos e trabalhadores rurais, dando lugar a uma classe de operários, que eram explorados até o fim da vida.

Numa tentativa de melhorar a situação, e o perfil da população, no final do século XIX é instaurada a escolaridade obrigatória, e é a partir deste momento que aquisição da escrita passa a ser sinônimo de sucesso.

Até o final do século XIX e início do século XX, a sociedade possuía uma hierarquia social bem definida, e o não conhecimento da escrita não era considerado uma deficiência, pois todos podiam ter acesso a ofícios que permitiam que a pessoa tivesse uma vida bem sucedida, gerando conforto para si e suas famílias.

O não conhecimento da leitura e da escrita é sinônimo de fracasso escolar e, conseqüentemente, compromete a inserção do indivíduo numa sociedade cujos saberes são disseminados, principalmente, através da escrita, inicialmente na escola, uma vez que nos padrões da sociedade atual, é somente através da escolaridade que a pessoa poderá vir a “ser alguém”, ou seja, ter acesso à cultura, dinheiro e poder.

Se a princípio, a escrita era utilizada somente para o registro de informações importantes e era reservada a uma elite seleta, nos dias de hoje, seu papel é completamente diferente e é pré-requisito básico na formação do ser. O papel da escrita na formação do sujeito é muito mais profundo do que se pensa. É a porta de entrada para a cultura, saber tecnológico, científico, erudito, entre outros.

Além de sua função básica, utilizada no dia-a-dia, como ler nome de ruas, de ônibus, consultar listas, telefones, rótulos de produtos, revistas, jornais, a leitura também é um meio de comunicação entre as pessoas, é através dela que as pessoas se comunicam por cartas, e-mails, telegramas, redes sociais, etc. Sem um conhecimento básico da leitura e da escrita, o indivíduo não se insere efetivamente na sociedade, enxerga o mundo através da interpretação do outro, não tem autonomia para a sua própria reflexão, já que a escrita é ferramenta fundamental no processo de aprendizagem.

Saber decodificar o código escrito, ou seja, ler é muito mais que atribuir significados a palavras isoladas, resumindo-se a um processo mecânico. O ato de saber ler como patamar para atingir o sucesso implica em construir conhecimento, gerar reflexões e desenvolver uma consciência crítica sobre o que é lido.

É através da leitura e interpretação de textos, que se compreende os direitos e os deveres reservados às pessoas, dentro da sociedade, que é possível apropriar-se de bens culturais, que se preserva e dissemina-se a história e os hábitos de um povo ou povos e, como consequência, é também através da escrita e da leitura que são transmitidos valores, sociais, morais e culturais de uma geração a outra.

A leitura também porta prazer ao sujeito, pois através da literatura (seja comédia, romance, aventura, suspense, etc.), é ativada a sua sensibilidade e, em alguns casos, a sua criatividade, pois quando lemos, imaginamos cenários, personagens e situações. É a literatura que desperta a produção de textos nos

alunos, pois, escrever e tomar o caminho oposto, imaginar primeiro e transcrever depois. Quanto ao ensino da leitura e escrita, Vigotsky (1984:119) aponta que, “ensina-se às crianças a desenhar letras e constituir palavras com elas, mas não se ensina a linguagem escrita. Enfatiza-se de tal de forma a mecânica de ler o que está escrito que se acaba obscurecendo a linguagem escrita como tal”

Então, é de fundamental importância, que a escola ensine aos alunos, não somente o aspecto formal da escrita, mas também, como fazer bom uso dela e o porquê da sua importância. Os professores (sejam eles de qualquer disciplina, uma vez que a escrita e leitura são o canal principal da aquisição do conhecimento) devem estimular os alunos a compreender textos, interpretá-los, e a levantar hipóteses sobre eles. Além disso, deve-se incentivar os alunos a usar a criatividade e desenvolver seus próprios textos, sejam eles sobre qualquer assunto. Somente desta maneira, o aprendizado da escrita se dá por completo e funciona como alavanca para o sucesso em diversas áreas e, desta maneira, não se torna um processo maçante, mecânico e sem propósito.

### **1.5. A Escrita no Contexto Digital – O Ciberespaço**

Atualmente, é necessário inserir a escrita no contexto digital ou **ciberespaço**, definido pelo filósofo da informação, Pierre Lévy (2010:17), como “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.”, uma vez que é através desse contexto digital das tecnologias da informação e comunicação, que grande parte dos indivíduos compartilha, não somente informações, mas também pensamentos e ideias.

Estando a escrita inserida nesse contexto digital, e sendo ela a principal disseminadora da cultura de determinada sociedade também temos enxergá-la pelo prisma desse ciberespaço sendo propagada imediatamente, simultaneamente e sem barreiras ou fronteiras, sendo assim, a **cibercultura** (Lévy, 2010:17) “especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do **ciberespaço**”.

No ciberespaço, a escrita não é mais uma via de mão única, em cuja informação chega ao seu interlocutor e, somente esse, se apropria dela, agora a troca de informações e a construção de novas ideias, e sua divulgação, é imediata e simultânea. Como observa Lévy (2010:75):

Um mundo virtual, no sentido amplo, é um universo de possíveis, calculáveis a partir de um modelo digital. Ao interagir com o mundo virtual, os usuários o exploram e o atualizam simultaneamente. Quando as interações podem enriquecer ou modificar o modelo, o mundo virtual torna-se um vetor de inteligência e criação coletivas.

Portanto, concluímos que, a escrita no ciberespaço extrapola o papel do registro e divulgação de conhecimento, e revela um lado mais crítico, simultâneo e multilateral dos saberes da sociedade. A respeito destes saberes, Lévy (2010:165) aponta que:

Para codificar seus saberes, as sociedades sem escrita desenvolveram técnicas de memória que repousam no ritmo, na narrativa, na identificação, na participação do corpo e na emoção coletiva. Em contrapartida, com a ascensão da escrita, o saber pode destacar-se, parcialmente das identidades pessoais ou coletivas, tornar-se mais “crítico”, buscar uma certa objetividade e um alcance teórico “universal”. Não são apenas os modos de conhecimento que dependem dos suportes de informação e das técnicas de comunicação. São também, por meio das ecologias cognitivas que eles condicionam, os valores e os critérios de julgamento da sociedades. Ora, são precisamente os critérios de avaliação do saber no sentido mais amplo do termo que se colocam em jogo pela extensão da cibercultura, com o declínio provável, dos valores presentes na civilização estruturada pela escrita estática

## CAPÍTULO 2 – A AUTORIA DA ESCRITA NA ERA DA COMUNICAÇÃO DIGITAL

### 2.1. O Autor e o Desejo

“A pulsão de investigação leva o ser humano a perguntar, quando é criança, principalmente ao outro e, conforme vai crescendo, principalmente a si mesmo”. (FERNÁNDEZ, 2001a:67)

Ser autor implica em desejar, sobretudo, desejar conhecer. Desejar construir conhecimento. Desejar transformar o conhecimento anterior em algo novo para si e para o outro. Este desejo de conhecer é chamado por Alícia Fernández de pulsão.

Aprender, não é apenas estar consciente do novo, faz-se necessário que o sujeito internalize este novo conhecimento e se autorize a estabelecer relações com a sua história e com a história do outro e, a partir destas relações, tomar este conhecimento para si, para poder transformá-lo no novo, em algo que lhe tenha significado próprio, visto que deseja apropriar-se deste conhecimento, e é esse desejo que impulsiona a sua inteligência.

Então, temos o sujeito autor. O sujeito que se autoriza a transformar, dentro de si, o conhecimento que recebeu do outro. A esse respeito Fernández (2001b:70) sinaliza:

Pensar supõe entrar nos desejos, vendo o possível e o impossível, para depois poder trabalhar na direção de fazer provável algo do possível.

Trabalho com a noção de autor, como autor da obra e, reciprocamente, ele mesmo criado pela obra que está criando, quando sua obra mostra-lhe algo novo dele que não conhecia antes de modelá-la.

Para que esta autorização aconteça, o sujeito deve sentir prazer, deve desejar conhecer o novo. Perguntar, estar atento, refletir. De outro modo, ele não se autoriza, somente guarda para si o que lhe foi transmitido, sem que haja uma reflexão. Fernández (2001b:70) nos presenteia com o texto a seguir, no qual traz reflexões acerca do sujeito autor.

O autor, ao escrever, conecta-se com a angústia de perceber que as palavras que possui não conseguem dar conta do que quer dizer. Vem a sua mente palavras velhas para nomear o novo. E o novo está aí, ainda estranho para ele mesmo que o está gerando. E o novo está aí, ainda desconhecido para ele mesmo, quem o sabe... Ainda mais forte do que ele, mas quer e necessita nomeá-lo, para poder conhecê-lo. Além disso, a mirada do outro perguntando pode persegui-lo, inibi-lo ou animá-lo e dar-lhe coragem. Inibe quando o obriga a usar o velho, como o único e melhor possível. Persegue-o quando toma o velho por novo. Anima-o e lhe dá coragem quando lhe permite tomar emprestadas as palavras velhas para nomear o novo e, então, o autor autoriza-se a escrever, que é nomear com palavras novas o novo.

O sujeito autor de seu pensamento deseja sempre saber mais, apropriar-se do conhecimento e transformá-lo em seu. O sujeito autor da sua escrita autoriza-se a usar a sua criatividade, para mostrar ao outro a sua identidade e sua capacidade de criar, isso acontece, pois é movido pelo desejo. Como sinaliza Andrade (2002a:53), “A possibilidade de pensar, de falar, de ser criativo, independente e livre, vem da articulação das dimensões desiderativa, relacional e racional que constituem o sujeito e é o que impulsiona o aprender.”

Ainda acerca do desejo de saber, Andrade (2002a:14) pontua que, “A possibilidade de pensar é assegurada pela ignorância que permeia o saber isolando-o do conhecimento impedindo dessa forma o sintoma e a loucura.”

## 2.2. A Autoria e a Autonomia

“A autoria de pensamento é condição para a autonomia da pessoa, e por sua vez, a autonomia favorece a autoria de pensar. À medida que alguém se torna autor, poderá conseguir o mínimo de autonomia”. (FERNÁNDEZ, 2001a:91)

Anteriormente, vimos o que significa ser autor, mas, o que significa ser autor no processo de aprendizagem do sujeito? Segundo Andrade (2002a:22): “Pela ação o sujeito aprendente organiza e modifica o meio construindo, conseqüentemente, o conhecimento e reconstruindo-se enquanto sujeito autor. Esse sujeito arquiteta a sua autonomia identificando e clareando os obstáculos a essa construção”.

Como Andrade (2002) aponta acima, o autor constrói o seu próprio conhecimento e o transforma, e, desse modo, ele adquire autonomia no seu processo de aprendizagem. Essa autonomia significa liberdade. Liberdade de aprender da sua maneira, como lhe dá mais prazer. Liberdade de aprender como o outro, mas ao mesmo tempo, da sua própria maneira, pois, tudo que lhe for ensinado, será transformado de acordo com seus desejos e objetos. Ainda a esse respeito, Andrade (2002a:64) aponta que, “Reconhecer-se como autor do seu pensamento, implica numa outra etapa do desenvolvimento do sujeito, que, além de pensar e conhecer reconhece o pensamento como obra sua.”

O sujeito autor não fica atrelado a paradigmas, sejam eles da família, da escola ou da sociedade, ele aceita o conhecimento do outro, porém, transforma-o em algo seu. E, nesse sentido, Fernández (2001a:90) coloca: “Definirei a autoria como o processo e o ato de produção de sentidos e do reconhecimento de si mesmo como protagonista ou participante de tal produção”.

Já o sujeito que não é autor, e não toma o conhecimento para si, não faz uso dele e nem o compartilha, pois não o internaliza. Para este sujeito, o conhecimento

pertence ao outro e, então, o sujeito está fadado a viver através de moldes e da permissão do outro, para obter conhecimento. É um sujeito que só verá o mundo, através do olhar do outro, e não com seus próprios olhos. Este sujeito dificilmente fará reflexões sobre o mundo, apenas o aceitará como o dizem que é. Não será um sujeito criativo nem livre. A esse respeito, Fernandez (2001b:126) sinaliza que, “Não há uma alteração do pensar, mas um movimento defensivo exitoso, no qual é evitado o contato com o próprio pensar... Isso dará lugar ao mecanismo de *evitação*: evitar tomar contato com o objeto do conhecimento...”

### **2.3. A Autoria da Escrita e a Aprendizagem (construção do conhecimento)**

“Diferentemente de respirar ou de outra função orgânica que vem programada de modo instintivo, [...] escrever e os demais conhecimentos requerem uma aprendizagem. É precisamente por isso que os processos de aprendizagem são construtores de autoria. O essencial do aprender é que ao mesmo tempo se constrói o próprio sujeito.” (FERNÁNDEZ, 2001a:31)

Conforme visto no primeiro capítulo, a construção da escrita é um processo mediado pela fala e, portanto, é um processo mais complexo, pois exige uma motivação extra, uma vez que a fala é espontânea e a escrita não, esta supõe submissão às leis gramaticais. A escrita não é espontânea, primeiramente, porque exige uma dupla codificação: significado – signo (som) – representação gráfica (escrita), depois, porque não há um interlocutor para quem se produz.

Vivemos em uma sociedade letrada, cuja principal ferramenta de transmissão do conhecimento é a escrita, e se o sujeito falha na aprendizagem dessa ferramenta, possivelmente, falhará na construção de outros conhecimentos, já que a leitura e a escrita são as principais vias de acesso à cultura, e a defasagem do sujeito nesse processo interfere em sua constituição enquanto ser social. Não há como inserir-se no ciberespaço, que, como abordado anteriormente, é o espaço principal de compartilhamento de informações e construção de conhecimento, sem a aquisição

do sistema de escrita. A sua identidade digital e seu endereço eletrônico são obtidos por um processo, que usa a escrita como ferramenta essencial de acesso.

A problemática da construção da escrita não termina em sua decodificação, vai muito além. O que fazer com este código linguístico? Ele não é apenas um instrumento de registro. A escrita é o meio principal pelo qual o sujeito ressignificará seus conhecimentos anteriores, e construirá novos conhecimentos.

A escrita, no processo de aprendizagem (construção do conhecimento), é fundamental para que o sujeito se comunique, para que ele expresse seu conhecimento, ou seja, para que ele produza, e compartilhe sua própria obra, transformada de acordo com a sua visão reflexiva do mundo, e, nesta produção, marque a sua identidade. Como aponta Fernández (2001a:97):

Trabalhamos com a noção de autor, como autor da obra e reciprocamente como ele mesmo sendo criado pela obra que está criando. Esse autor é produzido quando se reconhece criando e quando a sua obra mostra a ele mesmo algo novo dele que não conhecia antes de plasmar sua obra.

Ainda acerca da produção escrita, há que se considerar que, como todo o processo de construção do conhecimento, este também é um processo singular do indivíduo e deve ser tratado desta maneira pelo ensinante, que abrirá caminhos para que este sujeito, à sua maneira, descubra seu estilo de escrever e o faça de maneira reflexiva.

Mais adiante veremos, porque é imprescindível que haja uma conscientização sobre o papel da escrita (não somente a produção de códigos, mas também uma escrita reflexiva) na construção do conhecimento, e, neste sentido, Fernández (2001b:61) aponta que, “O mais importante que o sujeito autor produz não é conhecimento para si, mas a transformação neles e naqueles que o circundam.”

## 2.4. A Escola e a Autoria da Escrita

Segundo Andrade (2002a:82):

A escola que se propõe desenvolver um sujeito autor necessita de um embasamento didático-científico, no conhecimento do ser humano, oferecendo a seus alunos o direito de se apropriar desse conhecimento; não somente pelo que contém, mas pelo significado que este representa.

A linguagem escrita é o principal meio de inserção social na sociedade atual. Como coloca Lacan (apud Andrade, 2002b:47), “...Letra é o suporte material que o discurso concreto toma da linguagem. ...a estrutura essencialmente localizada do significante.”

Apesar de conseguir se expressar e obter suas necessidades básicas, através da fala, é somente através da linguagem escrita, que o sujeito conseguira um lugar na hierarquia cultural atual, o que não era necessário há alguns séculos.

Hoje, a porta de entrada para aquisição desse código linguístico é a escola, onde a criança, com o código falado já consolidado pela interação com a família, aprenderá a linguagem escrita, que, futuramente, será requisito básico para seu acesso à cultura, melhores empregos, status social, redes sociais, informações eletrônicas, dentre outros exemplos nesse contexto, ou seja, é requisito básico para seu sucesso como indivíduo.

Apesar de a linguagem escrita possuir destaque e importância no presente contexto, uma das queixas mais constantes no setor da educação é o não letramento dos alunos. Muitas crianças passam pela escola sem internalizar este código, pior do que isso, muitas crianças e adolescentes que conseguiram passar pelo grande desafio de aprender a ler e a escrever, não conseguem transformar a

leitura e a escrita em ferramenta de comunicação e autorização, e, assim, a escrita muitas vezes, é apenas um instrumento de cópia de informações que não acrescenta nada nem ao sujeito e nem a sociedade. E é nesse sentido, que a escola tem que cuidar para seu papel seja mais do que de mero decodificador, e sim de autorizador, como destaca Orlandi (apud Fernández, 2001a:97):

O sujeito só se faz autor se o que produz for interpretável; ele inscreve sua formulação no interdiscurso, historia seu dizer... Porque assume sua posição de autor (se representa nesse lugar), produz um fato interpretativo. Aquele que só repete (exercício mnêmico) não o consegue.

A escrita, na educação básica, no ensino médio, na universidade e futuramente, no mercado de trabalho, tem a função de transmitir pensamentos, transmitir o que o sujeito aprende, interpreta e transforma, na verdade, é a escrita que legitima o sujeito como autor. Autor de seus pensamentos, de suas ideias e reflexões. E é na escola que o sujeito deve autorizar-se a pensar e, conseqüentemente, a escrever. E é esse o papel da escola e de seus ensinantes: permitir ao sujeito que este busque a sua identidade, e nesse sentido, Pain (apud Andrade, 2002a:82) aponta que, “Permitir à criança apropriar-se de um conhecimento é permitir-lhe fortificar seu ego, na medida em que ela pode se constituir em uma personalidade mais segura, mais dominante e mais responsável.”

É a partir da autoria escrita, que se dá o processo de desenvolvimento intelectual do sujeito, é a partir deste ponto que o sujeito começa a ter sucesso na sua vida sociocultural, e a esse respeito, Fernández (2001a:79) sinaliza:

Tal urgência também se relaciona ao que nossa sociedade reclama cada vez mais, o êxito profissional, associando-o – de modo lamentável – a realização da pessoa como tal. É na escola, na universidade e na atividade de trabalho, no espaço público onde se põe a prova a capacidade intelectual das pessoas.

É o ensinante quem tem o papel de analisar situações isoladas (levar em consideração a singularidade do indivíduo), para assegurar, ao futuro sujeito autor, o direito de inscrever-se na sociedade. Sendo a escola a instituição onde, provavelmente, se desenvolverá a autoria da escrita do indivíduo, cabe a ela buscar profissionais capacitados, ou capacitar profissionais que assegurem que esta missão seja cumprida. A autoria da escrita marca o papel do sujeito, como ser social, como veremos no próximo sub-capítulo.

## **2.5. O Sujeito sócio-histórico e a Autoria Escrita**

Como visto anteriormente, o homem é um ser sócio histórico, cuja aprendizagem se dá na medição com o outro, e é um produto da sociedade onde vive. Esse ser sócio histórico pode ser o sujeito autor e essa autoria, também, se dá na construção do conhecimento através da mediação do outro e, assim, está integrado ao seu ambiente.

O conhecimento é internalizado através de ações externas, ou seja, através da interação, o conhecimento não é construído sozinho, ele acontece no sujeito, porque também já aconteceu na sociedade.

A escrita reflexiva ou a escrita autorizada pelo sujeito tem seu papel sócio histórico, pois deixa impressos pensamentos, reflexões e teorias, que servirão de mediadores para a construção do conhecimento do outro. E através do sujeito que se reconhece como parte do processo histórico-cultural de seu meio, o conhecimento é transmitido para futuras gerações, e é assim que se dá o processo ensino-aprendizagem, um sujeito que aprende virá a ser um sujeito que ensina, e, desta maneira, o ciclo se renova a cada dia. Quanto a autoria na construção do conhecimento Fernández, (2001b:68) ressalta:

Aprender supõe um reconhecimento da passagem do tempo, do processo construtivo, o qual remete, necessariamente a autoria. A instantaneidade característica do mundo atual, pode colocar-nos em um mundo de produtos descartáveis e adquiríveis. O conhecimento não é um nem o outro.

Aprender supõe, além disso, um sujeito que se historia. Historiar-se é quase sinônimo de aprender, pois sem esse sujeito ativo e autor que significa o mundo, significando-se nele, a aprendizagem irá converter-se na memória das máquinas, ou seja, em uma tentativa de cópia.

A escrita autorizada perpetua por gerações e, diferentemente da linguagem falada, pode ser imortalizada por publicações e, tais escritos, são transmitidos a outros sujeitos que, por sua vez, também os transformam e produzem conhecimentos novos através dos antigos. É por isso que a palavra escrita supera a falada, quando tratamos do processo histórico da formação do sujeito autor. E hoje, mais do que nunca, a escrita autorizada de um indivíduo tem amplo espaço de divulgação na internet e, essa facilidade de publicação, traz também a crítica rápida, a resposta simultânea a criação coletiva, como encontramos no Currículo de Tecnologias da Informação e Comunicação da Prefeitura de São Paulo (2010:46):

...o processo de publicação de textos próprios se simplificou consideravelmente, pois foram eliminadas importantes barreiras de entrada ao mercado editorial por parte de novos autores que, na Internet, podem adquirir a visibilidade necessária que, oportunamente, lhes permita entrar em círculos mais restritos...Mas a Internet também facilitou a manifestação do leitor comum sobre matérias publicadas em meios de comunicação convencionais. As revistas e os jornais convencionais (em papel) em geral publicam um número pequeno de cartas dos leitores opinando sobre matérias publicadas em edições anteriores. O percentual do número de cartas publicadas, nas versões impressas das publicações, em relação ao número de cartas enviadas à redação é, em regra, baixíssimo. Nas edições online das revistas e dos jornais, distribuídas pela Internet, é possível, porém, sem maiores dificuldades, técnicas ou financeiras, publicar todas as cartas recebidas pela redação (com exceção daquelas que tiverem conteúdo admitidamente impróprio). Assim, a voz do leitor pode ser ouvida de forma muito mais incisiva do que na era pré-digital.

O sujeito autor, agora, lida também, com a quebra do paradigma de que o conhecimento que construiu, e disponibilizou, seja um patrimônio seu e imutável, o ciberespaço permite que todo o conhecimento compartilhado seja passível de críticas, e transformações, em curtos espaços de tempo. Não existe mais uma

verdade única e absoluta, existe uma vasta rede de possibilidades e perspectivas na qual muitos autores podem contribuir e transformar, como elucida Lévy (2010:170)

O ciberespaço, interconexão dos computadores do planeta, tende a tornar-se a principal infraestrutura de produção, transação e gerenciamento econômicos. Será em breve o principal equipamento coletivo internacional da memória, pensamento e comunicação. Em resumo, em algumas dezenas de anos, o ciberespaço, suas comunidades virtuais, suas reservas de imagens, suas simulações interativas, sua irresistível proliferação de textos e de signos, será o mediador essencial da inteligência coletiva da humanidade.

No presente capítulo, abordou-se o desenvolvimento da autoria escrita no sujeito e como esta autorização é importante para que este sujeito seja livre, ou seja, tenha autonomia para aprender, transformar e construir e compartilhar conhecimento. Também, foi destacada a importância da escrita no contexto sociocultural atual, não somente como um mero código linguístico, mas como um meio de autorização do sujeito, e como meio deste sujeito marcar sua identidade na sociedade em que vive.

### **3 – O CURRÍCULO DE TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) NA EDUCAÇÃO BÁSICA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO E O SUJEITO AUTOR**

“A emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes.” (LÉVY, 2010:123)

#### **3.1 O Letramento Digital e os Nativos Digitais**

2012, segunda década do terceiro milênio da Era Comum, muitas das Tecnologias da Informação e Comunicação, pré-digitais como: jornal, rádio, disco de vinil, livros, televisão, etc., foram atualizadas para a forma digital, quando não substituídas por outras mídias mais interativas e mais compatíveis com a Internet, como por exemplo: os blogs, jornais digitais, podcasts, vídeos digitais de fácil publicação, entre outros.

As crianças e adolescentes cursando a educação básica, já nasceram imersos em toda essa tecnologia digital (telefone e Internet sem fio, câmeras digitais, smartphones, dentre outros PDA's.) ao seu dispor, e como parte de seu cotidiano, independentemente de sua situação econômico-social, diferente de seus professores que são chamados, segundo o educador Mark Prensky, de “imigrantes digitais”, ou seja, pessoas que foram se adaptando às tecnologias digitais, conforme estas foram surgindo, mas não deixaram o passado para trás.

A escola, por sua vez, acolhe essas duas gerações tão diferentes, e apesar de a sociedade que também as abriga estar conectada ao ciberespaço interativo e simultâneo, seja nos caixas de supermercados, seja nos bancos virtuais, comércio eletrônico (e-commerce) e outros. A escola, por sua vez, permanece a mesma de sempre, ainda não atualizou a sua linguagem e pensamento, o que torna tão conflitante a relação professor – aluno, ou ensinante – aprendente.

“Isto por uma razão muito simples: a educação que oferecemos hoje é muito pouco diferente da que oferecíamos em 1995, que, por sua vez, é muito pouco diferente da que oferecíamos em 1945, cinquenta anos antes... Isso significa que precisamos mudar a educação que oferecemos em nossas escolas para os nativos digitais - aqueles que nasceram ao longo desses últimos quinze anos e dos que vierem a nascer nos próximos anos.” (SÃO PAULO, 2010:21)

Enquanto não acontece uma reforma que atualize a escola, como parte do contexto digital atual, surge o questionamento de qual é o papel da escola, na formação digital de seus alunos. Quanto ao posicionamento da Rede Municipal de ensino da Prefeitura de São Paulo em relação ao uso das tecnologias digitais, consta nas Orientações Curriculares de Tecnologias da Informação e Comunicação (2010:15,

...atualmente, não se trata de discutir se a escola vai ou não vai fazer uso das Tecnologias de Informação e Comunicação, mas, sim, de mostrar que ela não pode continuar a usar, de forma natural e predominante, apenas as tecnologias convencionais, que lhe serviram tão bem no passado: precisa também incorporar as tecnologias mais recentes, e com a mesma naturalidade que hoje usa as tecnologias convencionais.

É evidente, que existe a intenção de modificar a prática da escola para que ela se adeque à geração que hoje a frequenta, sem desconsiderar que o sujeito principal do ambiente escolar é o aprendiz, e este, está inserido num contexto socio-histórico que não mais pode se desvencilhar do ciberespaço, do mundo digital:

“A educação, como sabemos, não acontece no vácuo. Ela sempre se dá em um determinado contexto histórico, geográfico, social, cultural, político, econômico, e tecnológico. Esse contexto coloca os desafios aos quais a educação formal deve responder, sob pena de se tornar obsoleta e, no limite, irrelevante. E esse contexto, até certo ponto, condiciona o tipo de resposta que a educação formal pode dar a esses desafios.” (SÃO PAULO, 2010:17)

Lembrando que, o papel da escola na inserção das mídias digitais, não pode limitar-se apenas a ensinar os estudantes como trabalhar num editor de texto ou numa planilha eletrônica, como fazer uma apresentação digital de trabalho, ou seja,

apenas substituir o caderno e os cartazes, e continuar trabalhando da mesma maneira que tem trabalhado nas últimas décadas.

É necessário que escola institua o Letramento Digital, ou seja, ir além da decodificação de um código e enfatizar a sua função social. Por que acessar a Internet? A importância de se comunicar digitalmente. Como exercer a cidadania através do ciberespaço?

Desta forma, não é possível dissociar a autoria da escrita do processo de Letramento Digital e, muito menos, deixar de pensar no aprendente como protagonista do seu aprendizado. O professor envolvido com o Letramento Digital, mesmo sendo um “imigrante digital”, tem que estar aberto a novas formas de construção do conhecimento e entender, como mostra o Currículo de TICs (2010, 2010:39), que,

...o protagonismo estudantil, aliado ao uso irrestrito do computador fora e dentro da sala de aula, vai exigir do professor postura e metodologia diferentes daquelas vigentes no paradigma atual. O perfil e o ofício do professor certamente irão ser redefinidos no processo.

Para começar, o professor precisará ter muita autoconfiança e segurança de si e do seu papel (sem mencionar competência e conhecimento em sua área de atuação) para poder lidar eficaz e eficientemente com um grupo de alunos em que a atenção estará principalmente voltada para a tela dos seus computadores pessoais. Se um aluno questiona, com base em pesquisa feita na hora na Internet, uma informação que o professor fornece o tipo de atitude que o professor assume e a maneira em que responde à manifestação do aluno serão decisivos na manutenção de sua autoridade – moral ou outra – sobre a classe.

A formação e atuação do professor – mediador, no contexto digital, será tratado com maior profundidade no Capítulo 4.

### 3.2. O Aluno Autor – Expectativas de Aprendizagem

“Pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no início do seu percurso profissional estarão obsoletas no fim de sua carreira” (LÉVY, 2010:159)

Na ocasião da realização desta pesquisa, todas as 1418 unidades educacionais da Rede Municipal Ensino de São Paulo possuem uma sala de informática equipada com 21 desktops com acesso à internet, headphones e webcams. Há, em cada escola, um ou dois POIEs – Professores Orientadores de Informática Educativa, dependendo do número de alunos e 1 aula (45 minutos) de Informática Educativa semanal, durante o horário regular de aulas.

Embora, a Secretaria Municipal de Educação já tenha iniciado o processo de implementação de notebooks e tablets, com acesso wireless nas escolas, o contexto real a ser considerado é o descrito acima.

Desde 2011, a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, implementou, na rede, as Orientações Curriculares – TIC, onde fica evidente necessidade de formação de jovens que, além de dominarem de forma satisfatória a linguagem escrita, sejam autores críticos e, além disso, que tenham autonomia e discernimento para fazer com responsabilidade e cidadania do ciberespaço. Segue, abaixo, uma seleção de algumas das Expectativas de Aprendizagem em Tecnologias da Informação e Comunicação para o Ensino Fundamental II, presente nas Orientações Curriculares – TIC (São Paulo, 2010:90-95):

- Selecionar e editar informações pesquisadas utilizando processadores de texto e ferramentas de desenho para produção de roteiro de entrevista, elaboração de biografias e autobiografias, organização iconográfica do biografado;
- Editar entrevista gravada utilizando softwares de edição próprios para esse fim;

- Transcrever entrevistas gravadas em vídeo, gravador digital, celular, utilizando editor de texto, fazendo as devidas adaptações para a modalidade escrita de modo a identificar algumas diferenças entre a fala e a escrita;
- Revisar textos com auxílio de ferramentas de ortografia e gramática;
- Elaborar notícia sobre o entrevistado tendo em vista o contexto de produção: interlocutores, finalidade, lugar, momento em que se deu a interação, objetivos e conteúdo da matéria jornalística;
- Elaborar autobiografia para publicar em blog pessoal;
- Criar blog pessoal.
- Produzir resenhas de filmes e livros em suportes digitais, utilizando editores de texto, tendo em vista os conteúdos de produção: interlocutores, finalidade, lugar e momento em que se dá a interação;
- Planejar histórias em quadrinhos ou tiras elaborando roteiros, especificando a ação e os textos, incluindo os diálogos e as legendas utilizando recursos gráficos de editores de texto, desenho e vídeo, gifs e animações on line, storybooks;
- Apresentar para a turma, em mostras e outros eventos artigo de divulgação científica, elaborado em software de apresentação, tendo os elementos constitutivos de sua organização interna apresentados de forma sintética como apoio e suporte à fala do orador;
- Publicar em blog, jornal on line, boletim eletrônico, rede social, sites ou portais educacionais artigos de divulgação científica produzidos colaborativamente;
- Publicar, em sites específicos para esse fim, programas de áudio e vídeo da esfera de circulação jornalística e do gênero notícia e, produzidos colaborativamente;
- Comunicar, utilizando-se de redes sociais, o endereço dos vídeos publicados;
- Publicar e promover a circulação de revista eletrônica, jornal digital, boletim eletrônico, blog, site da escola, programas radiofônicos e televisivos produzidos colaborativamente em ambientes on line;
- Elaborar resumos de debates de relevância social e publicar em boletins, newsletters, sites, blogs;
- Realizar brainstorm sobre temas relevantes e registrar em wiki para produções coletivas;
- Publicar e divulgar livro digital da sala de relato histórico de vida dos alunos, da escola, de pessoas públicas, do cotidiano e outros;

As expectativas de aprendizagem, relacionadas acima, enfatizam o uso social das mídias digitais pelos alunos que não, só devem conhecer técnicas necessárias

para pesquisar na Internet, editar textos, gerar gráficos e apresentações eletronicamente, mas também, pensar criticamente e ser capaz de organizar o próprio pensamento, e expressá-lo em sua forma escrita, a fim de realizar ações como, postagem em blogs, redes sociais, pautas radiofônicas, roteiro de entrevistas, entre outras.

### **3.3. A Aprendizagem Colaborativa**

Outra habilidade que deve ser reforçada com alunos é a da aprendizagem colaborativa. É através de ambientes de construção de conhecimento de forma coletiva como, por exemplo, o Thinkquest, a Wikipédia ou mesmo fóruns de discussão, onde há interação entre as pessoas, onde uma pessoa complementa o pensamento da outra, ou mesmo o contradiz, expressando a sua ótica sobre determinado assunto, que surgem novas ideias, novos olhares e novos paradigmas. E sobre esse assunto Lévy (2010:159-160) sugere que:

O ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória (banco de dados, hiperdocumentos, arquivos digitais de todos os tipos), imaginação (simulações), percepção (sensores digitais, telepresença, realidades virtuais), raciocínios (inteligência artificial, modelização de fenômenos complexos). Essas tecnologias intelectuais favorecem novas formas de acesso à informação: navegação por hiperdocumentos, caça à informação através de mecanismos de pesquisa, knowbots ou agentes de software, exploração contextual através de mapas dinâmicos de dados; novos estilos de raciocínio e de conhecimento, tais como a simulação, verdadeira industrialização da experiência do pensamento, que não advém nem da dedução lógica nem da indução a partir da experiência. Com essas tecnologias intelectuais, sobretudo as memórias dinâmicas, são objetivadas em documentos digitais ou programas disponíveis na rede (ou facilmente reproduzíveis e transferíveis), podem ser compartilhadas entre numerosos indivíduos, e aumentam, portanto, o potencial de inteligência coletiva dos grupos humanos.

E então, é de extrema importância que o professor reavalie o seu papel no processo de construção do conhecimento dos estudantes, pois, com o advento do ciberespaço e, conseqüentemente, da cibercultura todo o conhecimento acumulado pela sociedade está disponível, em tempo real, e segundo as Orientações

Curriculares de TIC (2010: 19), “o computador, com sua tecnologia digital, tornou possível (entre outras coisas) a multimídia. E tornou possível um acervo mundial de informações multimídia: a Internet – a maior bibliomidioteca de que se tem registro.”.

É nesse contexto, de abundância de informações, de um espaço sem fronteiras para o conhecimento e para questionamentos que, também, se abrem oportunidades para o professor mediador, que ainda será estudado no quarto Capítulo deste trabalho.

“Mas o essencial se encontra em um novo estilo de pedagogia, que favorecem ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede. Nesse contexto, o professor é incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva e de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimentos”(LÉVY,2010:160)

### **3.4. A Autoria da Escrita como Veículo de Comunicação e Expressão da Cidadania**

Os nativos digitais permanecem conectados ao ciberespaço o maior tempo possível, através de seus desktops, notebooks, tablets ou smartphones (aquele ao qual tiverem acesso), e, uma vez neste espaço digital, trocam mensagens de e-mail ou instantâneas com seus colegas, publicam suas ideias e opiniões em rede sociais, acessam blogs e sites, com temas de seu interesse, e, muitas vezes, deixam neles suas impressões publicadas e assim, meio que intuitivamente, já atuam como autores e o professor pode, durante a aula, usar esse material do cotidiano dos alunos para fazer observações, indicar caminhos, aparar arestas e mostrar possibilidades de como essas ferramentas de comunicação, podem ser importantes no exercício da cidadania. Como consta nas Orientações Curriculares de TIC (2010:32):

E os processos de Informação e Comunicação também fazem parte do dia-a-dia dos alunos, dentro e fora da escola. No tocante à Informação, os alunos, em sua vida extraescolar, também buscam informações, gerenciam as informações que têm, fazem com elas comparações e análises, e delas inferem conclusões. No tocante à Comunicação, eles trocam emails, mensagens instantâneas e twits com frequência, criam blogs e até mesmo sites, e discutem e debatem informações. Assim sendo, os professores especialistas em Tecnologia na Educação podem trabalhar, no Laboratório de Informática, esses processos de Informação e Comunicação e as tecnologias que lhes dão suporte. Isso pode ser feito, sempre que possível, em paralelo.

Tudo que é estudado e trabalhado na Sala de Informática deve ser contextualizado na vida e na experiência do aluno, o que faz com que a aprendizagem seja significativa e duradoura para ele. Há que se mostrar, para eles, que na era pré-digital era muito difícil para um autor (de poemas, crônicas, artigos, livros, etc) ser publicado e lido, sem recursos financeiros então, praticamente impossível.

Agora, gratuitamente, qualquer pessoa que tenha algo a dizer, pode criar um blog, publicar seu material e, em curtíssimo espaço de tempo, ainda receber um retorno crítico sobre seus pensamentos. E como sinalizado no Caderno de Orientações Didáticas de TIC (2006:10):

Aprender a publicar. Uma possibilidade importante na Internet é a facilidade de publicação e difusão de qualquer tipo de conteúdo (texto, imagem, áudio ou vídeo). No meio digital, pode-se publicar a partir de soluções sofisticadas ou simples, como as ferramentas para construção de blogs, voltadas principalmente para o público leigo. Essa característica contribui para o desenvolvimento de projetos pedagógicos em que professores e alunos produzam trabalhos que os qualifiquem como autores, e não como meros consumidores de informação. Contudo, a publicação de conteúdos na Internet escapa à avaliação e ao controle de qualidade. As pessoas podem publicar o que quiserem e deixar disponível para qualquer um ler e decidir individualmente sobre sua qualidade. Para assegurar qualidade no uso educacional desse recurso, é necessário orientar os alunos a planejar o que será divulgado, definir tamanhos e tipos de documentos, a navegação entre eles, num trabalho que envolve produção e edição de informações. É preciso que o aluno tenha algo importante a dizer e a publicar, e que se veja como autor.

Assim, é possível elevar os alunos de consumidores da informação para o status seus autores e críticos. É necessário que se conheça as normas de escrita, e também sejam sistematizados os gêneros textuais com alunos, para que,

automaticamente, eles percebem quem e quantos são seus interlocutores, bem como a responsabilidade de publicar algo, que ficará exposto para sempre na rede. E de acordo com o Caderno de Orientações Didáticas de TIC (2006:13):

Diante disso, é papel do professor garantir que o aluno, ao mesmo tempo, possa se comunicar com outros da mesma idade, do mesmo grupo social, desse jeito particular e novo, e compreenda que, para se comunicar mais amplamente, precisa usar as normas da língua oficial. Para tanto, além de possibilitar ocasiões para comunicação síncrona em que a linguagem usada é naturalmente mais informal, é importante também garantir atividades de produção de texto no meio digital que mostrem ao aluno a importância do uso da norma culta para se fazer entender, como numa situação em que ele tenha de escrever um e-mail de solicitação para a diretora da escola, ou elaborar um currículo para tentar conseguir um trabalho, ou, ainda, publicar um texto num jornal virtual, por exemplo.

Depois de exploradas as Orientações Curriculares e Expectativas de Aprendizagem e o Caderno de Orientações Didáticas em Tecnologias da Informação e Comunicação, da Secretaria de Educação da Prefeitura do Município de São Paulo, observamos que todos esses conceitos, habilidades e competências, não podem ser trabalhos apenas em 45 minutos semanais, na Sala de Informática, mas também abordados nas aulas dos demais componentes curriculares, principalmente, em Língua Portuguesa, que é disciplina que, em tese mais trabalha o desenvolvimento da linguagem, criatividade e autoria e ampliados esses 45 minutos com o ensino à distância.

E finalmente, chegamos ao ponto onde estudaremos a formação desse professor, cuja função é transformar os nativos digitais em sujeitos autores e cidadãos e que se apropriem do ciberespaço como lugar de exercício de cidadania.

## **4 – A FORMAÇÃO DE LICENCIADOS EM LETRAS NA ERA DA COMUNICAÇÃO DIGITAL - O Mediador no Processo de Autoria da Escrita**

“Não se trata somente de mudar de caneta tinteiro para esferográfica, como aconteceu no passado, ou trocar o teclado da máquina de escrever pelo do computador. Trata-se de ter acesso a uma grande quantidade de informações e de oportunidades de comunicação, sem as quais fica difícil formar o cidadão contemporâneo. Como em outros espaços letrados, o leitor / escritor do mundo digital necessita desenvolver competências leitoras e escritoras específicas, significativas nessa forma de comunicação.” (SÃO PAULO, 2006:12)

### **4.1. O Nativo Digital e o Professor Mediador**

Aludimos, no terceiro capítulo, o perfil do aluno que cursa a Educação Básica, que é o Nativo Digital, que está imerso na Cibercultura, e quais as Expectativas de Aprendizagem para esse estudante no que se refere às TICs.

O professor que atua com as mídias digitais, na educação básica, deve entender o contexto no qual esse sujeito está inserido, para que possa atribuir significado às atividades realizadas com os alunos, usando as Mídias Digitais.

Esse professor, também, deve ser autor da escrita de seu próprio pensamento, para que possa mediar, com propriedade, o processo de desenvolvimento da Autoria da Escrita e, conseqüentemente, do Letramento Digital.

É importante, o docente entender como acontece o processo de mediação, para que se visualize o perfil do professor/ mediador que trabalha ou trabalhará com os atuais estudantes da Educação Básica Municipal, Nativos Digitais, com sua linguagem e com a expectativa de despertar neles, o desejo de serem autores de sua escrita, seja no dia a dia escolar, no ciberespaço ou em qualquer outro espaço onde a autoria se faça necessária.

Segundo Vigotsky, os signos são os principais mediadores no processo de desenvolvimento do pensamento (ações cognitivas e psicológicas) e da linguagem, assim como as ferramentas, que medeiam e facilitam o trabalho na sociedade. Vygotsky também aponta que a aprendizagem sempre se dá no contato (mediação) com outro, uma vez que esta é a natureza do ser sócio-histórico.

Neste subcapítulo, será abordada a mediação numa visão psicopedagógica, ou seja, a relação ensinante e aprendente (temos o ensinante como mediador do processo de aprendizagem e autoria e o ensinante é aquele que aprende). Vale salientar que os termos, ensinante e aprendente, já utilizados, anteriormente nesta monografia foram designados pela psicopedagoga argentina, Alícia Fernandez, (2001b) para representar os dois modos subjetivos de posicionamento frente a aprendizagem, numa mesma pessoa, não sendo, necessariamente o ensinante o professor e o aprendente, o aluno. Portanto, uma mesma pessoa pode ser, ora ensinante e ora aprendente, dependendo da posição em que se encontra no processo de aprendizagem, sendo esta o vínculo entre quem ensina e quem aprende. No que diz respeito aos termos ensinante e aprendente, Fernández (2001b:53) aponta que:

As palavras ensinante, aprendente...estou atribuindo o valor de conceitos não equivalentes a aluno e professor. Estes últimos fazem referência a lugares objetivos em um dispositivo pedagógico, enquanto aqueles indicam um modo subjetivo de situar-se... Os estudos de pedagogia... como os da psicologia e os da psicanálise...não dão conta dos posicionamentos singulares diante do conhecer e do aprender.

Quando há a mediação, no processo de desenvolvimento de autoria, se faz necessário que o ensinante seja, ele próprio, autor de seu pensamento e linguagem, não porque ele transmitirá a autoria de pensamento ao aprendente, mas porque ele abrirá caminhos para o aprendente reconhecer desejo de ser autor de seus pensamentos e, futuramente, o desejo de ser autor da linguagem escrita. A esse respeito, Andrade (2002a:15) sinaliza que, "...o ensinante não é o sujeito que sabe, nem pode ser o sujeito do Saber, ele deverá ocupar a posição de suposto saber, reconhecendo o desejo de conhecer no sujeito aprendente."

Uma pessoa que não se autoriza pensar e a escrever, não conseguirá ensinar o outro, pois que o outro constrói seu conhecimento espelhando-se num modelo já visto. A respeito da autoria do ensinante, Fernández (2001b:30) aponta que, “para autorizar-nos a Ensinar, devemos fazer-nos autores [...] acreditar em nós. Olhar o valor que tem o que fazemos, apropriarmos da singularidade que possuímos... Fazer-nos autores de nossos pensamentos”.

O papel do mediador/ ensinante é fundamental no desenvolvimento da autoria do sujeito social, uma vez que ele só construirá sua autoria através da mediação, e essa autoria, se dará através da transformação não só do aprendente, mas também do ensinante, ou seja, uma transformação, mútua e é por isso que seja o professor, o pai, a mãe ou psicopedagogo deve ter consciência que ele, também, tem que ser um autor se deseja ensinar o sujeito que está construindo seu conhecimento. Quanto ao papel do ensinante, Andrade (2002a:15), aponta que,

Quando o sujeito investe o outro de desejo, permite ao outro a expressão, apresenta um movimento mostrar-guardar para despertar no outro o desejo de buscar, compartilha um saber já existente e assimila outros saberes, cria um espaço de liberdade, de confiança e criatividade onde o outro possa ousar experimentar, possa assumir a ignorância e a partir dela buscar o conhecimento, ele se constitui um ensinante.

É nesse momento, que relação com o saber, tanto do ensinante quanto do aprendente, no uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação como instrumento mediador do desenvolvimento do sujeito autor, passa a imbuir ambos de significados e despertando no aprendente a necessidade (desejo) de ser autor, não só de seu pensamento, mas também da sua escrita para que possa publicar/ expor seu no ciberespaço. E a esse respeito Lévy (2010:157) sinaliza que,

Qualquer reflexão sobre o futuro dos sistemas de educação e de formação na cibercultura deve ser fundada em uma análise prévia da mutação contemporânea da relação com o saber. Em relação a isso, a primeira constatação diz respeito à velocidade de surgimento e de renovação dos saberes e savoir-faire... A segunda constatação, fortemente ligada à primeira, diz respeito à nova natureza do trabalho, cuja parte de transação de conhecimentos não para de crescer... Terceira constatação: o

ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas: memória... imaginação... percepção... raciocínio.”

O professor que trabalha o Currículo de Tecnologias de Informação e Comunicação, que faz essa mediação no processo de Letramento Digital e Autoria da escrita, deve estar seguro da função social das Mídias Digitais, da Imersão desse Nativo Digital no Ciberespaço e do seu papel fundamental no desenvolvimento do sujeito autor, nesses ambientes digitais.

#### **4.1.1 - O Nativo Digital (aprendente) como Protagonista da Construção do Conhecimento**

“O ensinante precisa saber neutralizar a importância de sua figura e, para isso, precisa estar medianamente seguro de si mesmo e ter seus próprios projetos, ou seja, não depender de seu aprendente ou do êxito de seu aprendente para sentir-se feliz”.(Fernández, 2001a:33)

O papel do ensinante, no desenvolvimento da autoria do sujeito aprendente, não é o de detentor do conhecimento e nem daquele sem o qual o sujeito não aprenderá. O ensinante é aquele que trará modelos ao aprendente, que mostrará que existem relações que podem ser estabelecidas entre o que já se sabe e o que se aprenderá, e não, necessariamente, entregará ao aprendente um produto pronto e embrulhado, como um presente do qual se orgulhará de ter dado. Como Fernández (2001a) cita acima, o ensinante deve deixar de lado o paradigma de que o aprendente depende dele para aprender, e autorizar-se a ensinar, para que o sujeito da aprendizagem se autorize a aprender e se autorize a transformar o conhecimento mostrado pelo ensinante, para que dessa forma o tome como seu. Esse sim, é o papel do ensinante, aquele em quem o aprendente se espelha sem, necessariamente, depender dele, aquele em quem o aprendente confiará para seu guia no processo de aprendizagem. O ensinante deve ser livre, para que o aprendente siga essa liberdade como modelo, como sinaliza Fernández (2001a:62-63):

O conhecimento não pode ser transmitido diretamente em bloco. O ensinante transmite-o através de um signo. É necessário um modelo, um emblema do conhecimento. Escolhe-se uma situação, faz-se um recorte, transmite-se conhecimento e também ignorância. Além disso, não se transmite na verdade, conhecimento, mas sinais desse conhecimento para que o sujeito possa, transformando-o, reproduzi-lo. [...] Não aprendemos com qualquer um, aprendemos com aquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar.

Se o ensinante não estiver aberto para a autoria, o aprendente também não estará, haja visto, a relação dialética do processo ensino/ aprendizagem, principalmente no que se trata da implementação do Currículo de TIC, que prioriza o protagonismo estudantil, como observamos no Terceiro capítulo deste trabalho. E nesse respeito Pierre Lévy (2010:173) argumenta que:

Os estudantes podem participar de conferências eletrônicas desterritorializadas nas quais intervêm os melhores pesquisadores de sua disciplina. A partir daí, a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve desolar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão ao seu encargo. Sua atividade será concentrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc.

Portanto, é a formação desse professor que o preparará para atuar em sala de aula, com o estudante protagonista da sua formação e autor dos seus escritos.

#### **4.2. A Formação Superior do Professor Mediador**

A formação do professor, que trabalha com seus estudantes as Tecnologias da Informação e Comunicação Digitais, há que sempre ter como foco o processo pedagógico e a construção do conhecimento. O ensino puramente operacional das TICs não alcança os objetivos de desenvolvimento das competências de leitura, escrita e autoria, pois é como se o meio tivesse mais importância que o fim, por exemplo, um aluno que conhece as ferramentas de formatação edição do Microsoft Word não, necessariamente, escreverá bons textos por causa disso, portanto,

segundo as Orientações Curriculares de TIC (2010: 59), “a formação do professor na área de IC/TIC deve focar a incorporação da tecnologia ao processo pedagógico.”.

Com o avanço tecnológico presente nas escolas, e cada vez mais iniciativas públicas de informatização do ambiente escolar, podemos prever que a linguagem digital será inevitável no processo de construção do conhecimento, em curto prazo, e então, os professores, independente do componente curricular que lecionam, deverão buscar formas de adequar a linguagem digital, o ciberespaço e cibercultura à sua prática pedagógica, como é pontuado no Currículo de TIC (2010:27-28):

Iniciativas que buscam romper com o paradigma pedagógico vigente, mas que estão instanciadas apenas em condições hoje ainda excepcionais, tanto no Brasil como fora, propõem o seguinte... As atividades desenvolvidas pelos professores junto aos alunos para incorporar a tecnologia à sua experiência pedagógica estão totalmente integradas aos demais conteúdos curriculares, tornando-se, portanto, tão natural quanto é, hoje, a integração do livro, do audiovisual, do quadro-negro e do giz, do caderno e do lápis.

Como este trabalho refere-se à Autoria da Escrita na Era das Mídias Digitais, o sujeito formador desses aprendentes é, fundamentalmente o professor de Língua Portuguesa que em cujo componente curricular não pode deixar de trabalhar a leitura a escrita e, principalmente, produção de textos que evoquem o sujeito autor, através de sua mediação. Também, é através do uso da Tecnologia de Comunicação e Informação, que o aprendente encontrará significado e autoria naquilo que escreve. E qual a ênfase dada nos cursos superiores de Licenciatura às Tecnologias de Informação e Comunicação?

Ao analisar o currículo de dez faculdades de Licenciatura em Letras, na cidade de São Paulo, como constam nos Anexos de A a J, observamos que, apenas, quatro delas, possuem algum componente curricular referente às Tecnologias Digitais na Educação. São elas:

- PUC-SP com os componentes, Tecnologias Digitais no 1º semestre, e Formação de Professores para o Contexto Digital e Novas Tecnologias em Educação: Diferentes Espaços Pedagógicos no 6º semestre.
- Universidade Adventista de São Paulo com o componente Letramento Digital no 2º semestre.
- Universidade Santo Amaro também com Tecnologias na Educação no 4º semestre.
- Finalmente a Universidade São Judas Tadeu com Tecnologia Educacional no 3º ano.

Depois de tabulados, os dados coletados indicaram que, apenas, aproximadamente 40% dos cursos de Licenciatura em Letras, da cidade de São Paulo, destinam um dois componentes curriculares ao ensino do perfil desse contexto digital do ciberespaço e seus desdobramentos, no processo de ensino e aprendizagem. Feita essa observação, entramos, no próximo subcapítulo na importância da formação continuada de professores.

### **4.3. A Formação Continuada e a Educação à Distância**

“A formação contínua dos professores é uma das aplicações mais evidentes dos métodos de aprendizagem aberta e a distância.” (LEVY, 2010:173)

A importância da formação continuada de professores está, como observado no subcapítulo anterior na insuficiência da formação do ensino superior, no que diz respeito às práticas educacionais.

No caso específico do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação e da implementação do seu currículo, visto a deficiência da abordagem do tema, no ensino superior, faz-se necessária a formação continuada.

A Secretaria Municipal de Educação (SME), desde 2009, prevê em sua Portaria nº 5636/1, formação inicial aos Professores Orientadores de Informática Educativa (POIEs), ingressantes, cursos, optativos e obrigatórios, para todos os professores atuantes na Informática Educativa, encontros de formação, jornadas pedagógicas e cursos de mediação, atendendo assim, à demanda de formação necessária ao professor, imigrante digital, que trabalha desenvolvendo a autoria e o protagonismo estudantil na Informática Educativa, como podemos verificar no Anexo K do presente trabalho. E a respeito da especificidade deste tipo de formação específica Lévy (2010:172) comenta que:

A demanda de formação não apenas conhece um enorme conhecimento quantitativo, ela sofre também uma profunda mutação quantitativa no sentido de uma necessidade crescente de diversificação e de personalização. Os indivíduos toleram cada vez menos propensos a seguir cursos uniformes ou rígidos que não correspondem as suas necessidades reais e à especificidade de seu trajeto de vida.

Desde 2007 a SME oferece, também formação continuada à distância aos POIEs para que cada vez mais a distância, entre aprendente / ensinante, torne-se cada vez menor, oferecendo assim ao professor, a oportunidade de imergir no ambiente digital tão familiar ao estudante, frequentando ambientes de aprendizagem colaborativa como o AVA, Brainhoney, Thinkquest, entre outros. E quando ao ensino à distância, Pierre Lévy (2010:172) sinaliza que:

Os especialistas nesse campo reconhecem que a distinção entre ensino “presencial” e ensino “à distância” será cada vez menos pertinente, já que o uso das redes de telecomunicação e dos suportes multimídia interativos vem sendo progressivamente integrado às formas mais clássicas de ensino.

Cursos com temas pertinentes ao trabalho desenvolvido, em sala de aula, como, por exemplo, os realizados em 2011- WebCurrículoTIC, Metr pole Digital, REMIX de mem ria, em 2010 - SME WEB Forma o, M dias no Universo Infantil, Minha ESCOLA   NOT CIA, Aprendizagem na Cultura Digital, Inova o Pedag gica, Avalia o do Uso das TIC, O Mundo Digital, Gera o Interativa, Navegar com seguran a   assunto para a educa o, em 2009 Minha Terra, em 2008 – Nossa Escola tem Hist ria, em 2007- Mem rias em rede e Orienta es Did ticas - Ler e Escrever - Tecnologias na Educa o. Esses cursos, todos com propostas de aplica es pr ticas com os estudantes, nas quais eles s o os protagonistas da realiza o de seu trabalho e da constru o de seu conhecimento, facilitando assim, a din mica de sala de aula para o professor e um entendimento maior do professor, da integra o do sujeito   sociedade atrav s do protagonismo e da autoria da escrita. Preenchendo assim, a lacuna deixada pela forma o do ensino superior, no que concerne ao uso das Tecnologias da Informa o e Comunica o na forma o do sujeito autor.

## CONCLUSÃO

Nossa sociedade globalizada, na chamada “era da comunicação digital”, compartilha informações, essencialmente, através da linguagem escrita, portanto, o não conhecimento deste código implica na exclusão social. Porém, não basta, num espaço de comunicação livre e instantânea, como é a do ciberespaço, apenas ler e escrever. É importante neste espaço a expressão do pensamento crítico através do uso da linguagem escrita para que seja possível o real exercício da cidadania num espaço virtual.

Tendo essa realidade em mente, não há mais como a escola ignorar que, a aprendizagem ocorre, também, no ciberespaço, que é um espaço social. Por isso, o trabalho aqui realizado teve o objetivo de conhecer quem são os estudantes que frequentam a educação básica municipal paulistana, nos dias de hoje, quais são as expectativas de aprendizagem da Rede Municipal de Ensino para a área de Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC, o perfil necessário para o professor de TIC estimular a autoria da escrita com esses estudantes e finalmente se as universidades estão dando a devida importância à preparação de professores, para atuar os nativos digitais que a Educação Básica está a receber.

Para tanto, a pesquisa inicia tratando do papel social da linguagem escrita, que é mediadora principal da comunicação e da construção do conhecimento, de acordo com o pensamento de Vigotsky, sendo ela mais complexa que a linguagem falada por ser uma ação intelectual intencional do sujeito. No início da pesquisa também se observou a importância da escola no estímulo aos alunos no desenvolvimento de seus próprios textos e da inserção da escrita no ciberespaço que, é um espaço social disseminador de cultura (cibercultura) e no qual o sujeito da aprendizagem está inserido.

A segunda parte desse trabalho focou no processo de desenvolvimento da autoria da escrita, à luz de Alicia Fernández, e da influência do meio digital nesse processo. Observamos que para o sujeito ser autor, ele precisa desejar conhecer, desejar construir conhecimento e conseqüentemente, escrever sobre esse conhecimento construído. Também, se esclarece neste capítulo que o sujeito que se autoriza a pensar e escrever adquire autonomia durante o processo de aprendizagem e torna-se protagonista da construção do seu conhecimento. A partir da autoria da escrita, se dá o processo de desenvolvimento intelectual do sujeito, sujeito esse sócio histórico, e cujo conhecimento é transmitido e transformado de geração em geração.

Contextualizado o papel social da linguagem escrita, a autoria da escrita e o sujeito autor, inserimos no terceiro capítulo esse sujeito em desenvolvimento na Educação Básica do Município de São Paulo. Observa-se que, este sujeito é um nativo digital, imerso no ciberespaço e numa escola onde seus professores são imigrantes digitais e os recursos principais para o desenvolvimento da aprendizagem ainda são os livros, o giz e a lousa. Observa-se também, uma intenção de modificar a prática da escola para que ela se adeque à geração que a frequenta e um esforço de implementação de um Currículo de Tecnologias de Informação e Comunicação, cujas expectativas de aprendizagem pressupõem que o estudante seja autor de pensamento e, principalmente, de seus escritos e faça um uso social das mídias digitais, estimulando o desenvolvimento de um sujeito protagonista de seu aprendizado.

Finalmente, novamente sob a ótica de Vigotsky, traça-se um perfil do professor atuante nesta área de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação que é o de mediador. Um professor que, também, é autor de seu pensamento e seus escritos e entende a imersão desses Nativos Digitais na Cibercultura usando esse conhecimento no desenvolvimento da Autoria da Escrita nesses aprendentes e desperta neles o desejo de tornar público o conhecimento que construiu nesses ambientes digitais.

Verificou-se, porém, após tabulação de dados dos Currículos de Cursos Superiores de Licenciatura em Letras, uma preocupação mínima da inserção deste formador na Cibercultura e no estreitamento desta lacuna que ainda distancia ensinantes e aprendentes pela linguagem, deixando esse momento sócio histórico num segundo plano. Cabendo assim, à instituição de ensino prover Formação Continuada aos profissionais da Educação.

A presente monografia lança luz sobre o tema da Autoria da Escrita na Era das Mídias Digitais e salienta a importância da Formação Continuada do Profissional Docente e propõe um estudo posterior mais aprofundado sobre o Currículo dos Cursos de Superior de Licenciatura e o contexto sócio histórico presente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Dolores Fontes; Bossa, Nádia. **Em busca do sujeito autor.** Disponível em: < <http://www.psicopedagogia.com.br>>. Acesso em 28/03/06

ANDRADE, Márcia Siqueira (org) **O prazer da autoria: a psicopedagogia e a construção do sujeito autor.** São Paulo: Memmon, 2002a.

\_\_\_\_\_. **A escrita inconsciente e a leitura invisível:** uma contribuição às bases teóricas da psicopedagogia. São Paulo: Memmon, 2002b

BEAUCLAIR, João. **O fio como conhecimento e a rede como suporte: processos de autoria de pensamento como estratégia de inclusão.** Disponível em: < <http://www.abpp.com.br>>. Acesso em 28/03/06

BULBOVAS, Adriana. **Escrever e inscrever-se- uma reflexão sobre a leitura e a escrita como um processo de construção e inscrição.** 44f. Monografia (Especialização Latu Sensu em Psicopedagogia). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. 1998

FERNÁNDEZ, Alícia. **O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento.** Porto Alegre: Artmed, 2001a

\_\_\_\_\_. **Os idiomas do aprendente: análise das modalidades ensinates com famílias, escolas e meios de comunicação.** Porto Alegre: Artmed, 2001b

GOMEZ, Margarita Victoria . **Cibercultura, formação e atuação docente em rede: guia para professores.** Brasília: LiberLivro, 2010.

HIGOUNET, Charles. **História Concisa da Escrita.** São Paulo: Parábola, 2003

LÉVY, Pierre. **Cibercultura** (trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2010

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Caderno de Orientações Didáticas - Ler e Escrever - TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO**. São Paulo: SME/DOT 2006

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientações Curriculares: proposições de expectativas de aprendizagem – Tecnologias de Informação e Comunicação**. São Paulo. SME/DOT, 2010

SEVERINO, A. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989

## ANEXOS

### ANEXO A – Matriz Curricular da Faculdade de Licenciatura em Letras do Centro Universitário Ítalo Brasileiro (UNITALO)

<b>Componentes Curriculares (1º semestre)</b>
Sociologia Aplicada à Educação, Psicologia do Desenvolvimento, Política e Organização da Educação no Brasil, Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), Leitura e Produção de Texto.
<b>Componentes Curriculares (2º semestre)</b>
Didática, História da Educação, Filosofia da Educação, Psicologia da Aprendizagem, Introdução à Pesquisa Científica.
<b>Componentes Curriculares (3º semestre)</b>
Língua Portuguesa – Morfologia, Linguística, Literatura Brasileira - Origens até Romantismo, Literatura Portuguesa - Origens até Romantismo, Teoria Literária, Seminários Temáticos - Mestres da Literatura Portuguesa.
<b>Componentes Curriculares (4º semestre)</b>
Língua Portuguesa – Sintaxe, Literatura Brasileira - de Realismo até Modernismo, Literatura Portuguesa - de Realismo até Modernismo, Semântica / Pragmática, Língua Inglesa I / Língua Espanhola I, Estágio Supervisionado - Ensino Fundamental II - Língua Inglesa / Língua Espanhola, Estágio Supervisionado - Ensino Fundamental II - Língua Portuguesa, Seminários Temáticos - Mestres da Literatura Brasileira, Práticas Educacionais e Ações Comunitárias em Língua Portuguesa - Ensino Fundamental II.
<b>Componentes Curriculares (5º semestre)</b>
Literatura Inglesa I / Literatura Espanhola I, Sociolinguística, Língua Inglesa II / Língua Espanhola II, Língua Portuguesa / Estilística, Trabalho de Conclusão de Curso, Estágio Supervisionado - Ensino Médio - Língua Inglesa / Língua Espanhola, Práticas Educacionais e Ações Comunitárias em Língua Portuguesa e Segundo Idioma, Seminários Temáticos - Mestres da Literatura Inglesa e Espanhola.
<b>Componentes Curriculares (6º semestre)</b>
Linguística Textual, Língua Inglesa III / Língua Espanhola III, Língua Portuguesa - Gêneros Textuais e Análise do Discurso, Literatura Inglesa II / Literatura Espanhola II, Trabalho de Conclusão de Curso, Seminários Temáticos - Prát. Educ. em Língua Materna e Estrangeira, Estágio Supervisionado - Ensino Médio - Língua Portuguesa, Práticas do Ensino de Filosofia - Ensino Médio.

ANEXO B – Matriz Curricular da Faculdade de Licenciatura em Letras das Faculdades Oswaldo Cruz

<b>Componentes Curriculares (1º ano)</b>
Teoria Literária, Teoria e Prática do Texto, Introdução aos Estudos Linguísticos, Organização da Escola: Estrutura e Funcionamento, Introdução à Cultura Clássica, Prática de Leitura e de Pesquisa, Língua Inglesa I: Prática oral e Aspectos Morfossintáticos e Leitura I.
<b>Componentes Curriculares (2º ano)</b>
Sintaxe da Língua Portuguesa, Língua Inglesa: Prática Oral e Aspectos Sintáticos e Leitura II, Língua Latina, Linguística: Análise do Discurso, Literatura Portuguesa: Poesia, Propostas Curriculares e Questões Didáticas, Prática de Ensino da Língua Portuguesa.
<b>Componentes Curriculares (3º ano)</b>
Morfologia e Léxico da Língua Portuguesa, Literatura Portuguesa: Prosa, Literatura Brasileira: Poesia, Língua Inglesa: Prática Oral e Fonologia I, Análise e Produção Textuais I, Prática de Ensino de Língua Portuguesa: Literaturas, Psicologia da Educação, Literatura dos Povos de Língua Inglesa I.

Fonte: <http://www.oswaldocruz.br/download/arquivos/16703.pdf> Acesso em 14/04/2012

ANEXO C – Matriz Curricular da Faculdade de Licenciatura em Letras da Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

<b>Componentes Curriculares (1º semestre)</b>
Fundamentos da Educação: Desafios da Escola Brasileira, Língua Portuguesa: Modalidades Oral e Escrita, Língua Portuguesa: Oficina de Leitura e Produção (gen. ac.), Oficina de Criação Literária, Oficina Literária: Formação do Leitor, Professor de Língua e Contexto Sociocultural, Projetos de Linguagem e Cultura, <b>Tecnologias Digitais</b> , Teoria Linguística: a Constituição de uma Ciência.
<b>Componentes Curriculares (2º semestre)</b>
Currículos de LP: dos Doc. Oficiais aos Planos de Ensino, Fundamentos da Educação: Concepções Teóricas da Educação, História, Funcionamento e Estrutura da Língua Portuguesa, Língua Portuguesa: Labor de Práticas de Produção Textual, Língua Portuguesa: sem de Pesquisa - Texto e Var. Linguística, Oficina: Pesquisas em Linguística, Projeto de Linguagem e Cultura, Romance na Literatura Brasileira, Teoria Linguística: Abordagens Sintáticas e Semânticas, Teoria Literária: Natureza e Função da Literatura.
<b>Componentes Curriculares (3º semestre)</b>
Didática e Metodologia de Ensino, Estudos Sobre Discurso, Enunciação, Gênero e Texto, Estudos sobre Escrita e Letramento, Língua Portuguesa: Fonética e Fonologia, Língua Portuguesa: Oficina de Resolução de Problemas Gramaticais, Língua Portuguesa: Projetos Pedagógicos e <b>Gêneros Midiáticos</b> , Língua Portuguesa: Gêneros do Cotidiano e Práticas Sociais, Literatura Brasileira: Poesia Brasileira, Literatura Portuguesa: Trovadorismo e Humanismo, Práticas de Linguagem na Escola, Teoria Literária: Conto e Romance.
<b>Componentes Curriculares (4º semestre)</b>
Conhecimento Pedagógico e Docência, Fund da Educ: Princ Teóricos na Prod do Conhec em Educação, Gêneros do Discurso: Ensino e Pesquisa, Introdução ao Pensamento Teológico I, Latim, Ling Port: Aspec Estilísticos e Semânticos e Prod Textual, Língua Portuguesa: Labor de Procedimentos Argumentativos, Literatura Brasileira: Barroco, Literatura Portuguesa: Poesia Moderna, Proj de Est de LP: Intervenção no Ensino Fundamental, Teoria Literária: Poesia.
<b>Componentes Curriculares (5º semestre)</b>
História da Leitura e da Escrita, Introdução ao Pensamento Teológico II, Líng.port.: seminário de Pesquisa- Líng.e identidade nacional, Língua Portuguesa: Oficina de Formação do Leitor Crítico, Literatura brasileira: traços de nacionalidade, Literatura Portuguesa: Romance do Século XIX, Oficina: temas em Linguística do Português, Planejamento e Políticas Públicas Educacionais, Proj.de Estágio de Líng.Port.: Intervenção no Ens.Médio, Projeto Pedagógico e Gestão Educacional.
<b>Componentes Curriculares (6º semestre)</b>
Aquisição de Linguagem, Educação Inclusiva, Estudos Morfossintáticos - Língua Portuguesa, Formação de Professores: Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS, <b>Formação de Professores no/para o Contexto Digital</b> , Literatura Brasileira: Romantismo, <b>Novas Tecnologias em Educação: Diferentes Espaços Pedagógicos</b> , Orientação do Trabalho de Conclusão de Curso (licenciatura), Políticas Linguísticas, Projeto de Estágio - Literatura e Ensino, Questões Étnico-Raciais, Seminários de Pesquisa: Tópicos em Sociolinguística.

ANEXO D – Matriz Curricular da Faculdade de Licenciatura em Letras da Universidade Adventista de São Paulo

<b>Componentes Curriculares (1º semestre)</b>
Teoria e Prática da Análise da Linguagem, Língua Portuguesa: Gramática - Norma e Uso , Processos de Construção do Texto Literário, Oficina de Leitura e Escrita*, Educação, Cultura e Sociedade, Cosmologia Bíblica Cristã.
<b>Componentes Curriculares (2º semestre)</b>
Estudos Sociolinguísticos, Língua Portuguesa: Processos Fonéticos/Fonológicos, Autores Representativos da Literatura Portuguesa, <b>Letramento Digital</b> , Metodologia de Pesquisa, Recursos para Inclusão Social, Antropologia Cristã.
<b>Componentes Curriculares (3º semestre)</b>
Estudos em Semântica e Lexicologia, Processos históricos de formação da Língua Portuguesa, Autores Representativos da Literatura Brasileira, Optativa 1, Oficina de Escrita Criativa, Fundamentos do Cristianismo, Aspectos Teóricos e Práticos do Ensino.
<b>Componentes Curriculares (4º semestre)</b>
Discurso e produção cultural, Língua Portuguesa: Morfossintaxe*, Manifestações Populares na literatura brasileira, Linguagem Brasileira de Sinais - LIBRAS, Optativa 2, Oficina de Textos Acadêmicos e Científicos, Interpretação Bíblica da História, Fundamentos Filosóficos da Educação, Estágio Supervisionado
<b>Componentes Curriculares (5º semestre)</b>
Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estágio Superv. , Língua Portuguesa: Texto e Contexto*, Literatura Comparada, Optativa 3, Oficina de Produção Científica, Princípios de Vida Saudável, Desenvolvimento e Formação da Identidade, Estágio Supervisionado
<b>Componentes Curriculares (6º semestre)</b>
Prática de Ensino e Estágio Supervisionado, Metodologia do ensino da Literatura, Literatura infanto-juvenil, Optativa 4, Trabalho de Conclusão de Curso*, Ciência e Religião, Organização Escolar Brasileira, Estágio Supervisionado

Fonte: <http://www.unasp.edu.br/index-graduacao-manual.html> Acesso em 14/04/2012

ANEXO E – Matriz Curricular da Faculdade de Licenciatura em Letras da Universidade Anhembi Morumbi

<b>Componentes Curriculares (1º semestre)</b>
Comunicação e Expressão, Desenvolvimento Humano e Social, Teoria da literatura, Linguística, Espanhol Instrumental I
<b>Componentes Curriculares (2º semestre)</b>
Psicologia da Aprendizagem, Metodologia – Ciência e Normas, Espanhol Instrumental II, Literatura Brasileira, Gêneros Textuais orais e escritos, Projeto Interdisciplinar I
<b>Componentes Curriculares (3º semestre)</b>
Didática: Ação Pedagógica e Avaliação, Comunicação Comparada, Literatura Portuguesa, Leitura e Escrita de Textos em Língua Espanhola I, Estudos Gramaticais I, Projeto Interdisciplinar II
<b>Componentes Curriculares (4º semestre)</b>
LIBRAS I, Antropologia e Cultura Brasileira, Estudos Gramaticais II, Leitura e Escrita de Textos em Língua Espanhola II, Literatura Infantil e Juvenil, Projeto Interdisciplinar III, Estágio Supervisionado Licenciatura I (Língua Portuguesa e Língua Espanhola)
<b>Componentes Curriculares (5º semestre)</b>
LIBRAS II OPTATIVA I, Empreendedorismo e Sustentabilidade, Língua Espanhola: práticas conversacionais, Língua Espanhola: Contextos Profissionais, Metodologia e Prática de Língua Portuguesa I, Estágio Supervisionado Licenciatura II (Língua Portuguesa)
<b>Componentes Curriculares (6º semestre)</b>
OPTATIVA II, Planejamento e Política Educacional, Metodologia e Prática de Língua Portuguesa II, Metodologia e Prática de Língua Espanhola, Análise do Discurso, Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, Estágio supervisionado Licenciatura III (Língua Espanhola)

ANEXO F – Matriz Curricular da Faculdade de Licenciatura em Letras da Universidade de Santo Amaro (UNISA)

<b>Componentes Curriculares (1º semestre)</b>
Comunicação e Expressão (Semipresencial), Estudos de Língua Inglesa para Leitura de Texto , Filosofia (Semipresencial), Língua Latina I, Prática Pedagógica I, Princípios de Linguística Geral, Produção Textual, Teoria da Literatura.
<b>Componentes Curriculares (2º semestre)</b>
Didática (Semipresencial), Fonética e Fonologia da Língua Portuguesa, Língua Inglesa I, Língua Latina II, Língua Portuguesa I, Literatura Portuguesa I, Metodologia Científica (Semipresencial), Prática Pedagógica II, Produção Oral em Língua Inglesa I.
<b>Componentes Curriculares (3º semestre)</b>
Cultura e Civilização Brasileira, Língua Inglesa II, Língua Portuguesa II, Literatura Brasileira I, Literatura Portuguesa II, Morfologia da Língua Portuguesa, Prática Pedagógica III, Produção Oral em Língua Inglesa II, Psicologia da Educação (Semipresencial), Psicologia Geral (Semipresencial),
<b>Componentes Curriculares (4º semestre)</b>
Cultura e Civilização de Países de Língua Inglesa, Estágio Curricular Supervisionado I, Estrutura e Funcionamento da Educação Básica (Semipresencial), Língua Inglesa III, Língua Portuguesa III, Literatura Brasileira II, Literatura Portuguesa III, Prática do Ensino de Língua Inglesa I, Prática do Ensino de Língua Portuguesa I, Produção Oral em Língua Inglesa III, Psicolinguística, Sintaxe da Língua Portuguesa, <b>Tecnologias na Educação (Semipresencial)</b> .
<b>Componentes Curriculares (5º semestre)</b>
Análise do Discurso, Cultura Afro-Indígena Brasileira (Semipresencial), Estágio Curricular Supervisionado II, Libras, Língua Inglesa IV, Língua Portuguesa IV, Literatura Brasileira III, Literaturas de Língua Inglesa I, Prática do Ensino de Língua Inglesa II, Prática do Ensino de Língua Portuguesa II, Produção Oral em Língua Inglesa IV.
<b>Componentes Curriculares (6º semestre)</b>
Estágio Curricular Supervisionado III, Ética e Cidadania (Semipresencial), Língua Inglesa V, Língua Portuguesa V, Literatura Infanto-Juvenil I, Literaturas de Língua Inglesa II, Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso, Prática do Ensino de Língua Inglesa III, Prática do Ensino de Língua Portuguesa III, Sociolinguística, Sociologia Geral (Semipresencial).
<b>Componentes Curriculares (7º semestre)</b>
Elaboração de Trabalho de Conclusão de Curso: Artigo Acadêmico, Estágio Supervisionado IV, Ética e Cidadania, Língua Inglesa VI, Língua Portuguesa VI, Literatura Infanto-Juvenil II, Literaturas de Língua Inglesa III, Princípios de Educação Inclusiva.

## ANEXO G – Matriz Curricular da Faculdade de Licenciatura em Letras da Universidade de São Paulo (USP)

DISCIPLINA	CRÉD AULA	CRÉD TRAB	TIPO	SEM	CURSADA	
					SIM	NÃO
Introdução aos Estudos da Educação (*1) (EDF0283) ou (EDF0285) ou (EDF0287)	4	0	OPT. ELET	3		
Atividades Acadêmico-Científico-Culturais I - (0805101) (*4)	0	0	OBRIG	4		
Atividades Acadêmico-Científico-Culturais II - (0805102) (*4)	0	0	OBRIG	5		
Atividades Acadêmico-Científico-Culturais III - (0805103) (*4)	0	0	OBRIG	6		
Política e Organização da Educação Básica no Brasil –EDA0463 (*2)	4	1	OBRIG	6		
Psicologia da Educação (*1) (EDF0290) ou (EDF0292) ou (EDF0294) ou (EDF0296) ou (EDF0298)	4	1	OPT. ELET	6		
Disciplina Optativa Eletiva do Curso de Letras – FFLCH (*3)						
FLC0600) ou (FLC0601) ou (FLC0602) ou (FLC0603) ou (FLL1005) ou (FLM0640) ou (FLM0652) ou (FLM0653) ou (FLM0661) ou (FLM0666) ou (FLT0344 02 créditos-aula e 02 créditos-trabalho)	4	0	OPT. ELET	6		
Atividades de Estágio (Licenciatura em Letras) – (0800004) (*5)	2	3	OBRIG	7		
Atividades Acadêmico-Científico-Culturais IV - (0805104) (*4)	0	0	OBRIG	7		
Didática – (EDM0402) – (*2)	4	1	OBRIG	7		
Metodologia do Ensino de Português I – (EDM0405) – (*6)	4	2	OBRIG	7		
Metodologia do Ensino Língua Estrangeira I – (*6)	4	2	OBRIG	7		
Atividades Acadêmico-Científico-Culturais V - (0805105) (*4)	0	0	OBRIG	8		
Metodologia do Ensino de Português II - (EDM406) – (*6)	4	2	OBRIG	8		
Metodologia do Ensino Língua Estrangeira II – (*6)	4	2	OBRIG	8		

### \*1 – Disciplinas Eletivas da Faculdade de Educação.

Do conjunto de Introdução aos Estudos da Educação, o aluno deverá escolher uma disciplina.

EDF0285 - Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Filosófico

EDF0287 - Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Histórico

EDF0289 - Introdução aos Estudos da Educação: Enfoque Sociológico

Do conjunto abaixo, o aluno deverá escolher uma disciplina.

EDF0290 - Práticas Escolares, Contemporaneidade e Processos de Subjetivação

EDF0292 - A Psicologia Histórico-cultural e a Compreensão do Fenômeno Educativo.

EDF0294 - A Psicanálise, Educação e Cultura

EDF0296 - Psicologia da Educação : Uma Abordagem Psicossocial do Cotid. Escolar

EDF0298 - Práticas Escolares, Diversidade, Subjetividade

### \*2 – Disciplinas Obrigatórias da Faculdade de Educação.

Cursar 1 semestre de EDM0402 – Didática

Cursar 1 semestre de EDA0463 - Política e Organização da Educação Básica no Brasil

Conforme Projetos de Estágio Supervisionado, propostos por docentes da FE, aprovados e supervisionados pela CAL, articulados com as disciplinas Didática e POEB.

Cada unidade de estágio (status de disciplina) corresponde a 60 horas de estágio; Conta com um supervisor de estágio (professor da FEUSP), 3 educadores e atende a 3 grupos de 45 licenciandos (=135 alunos). Unidades de estágio a partir de 3 eixos: disciplinar, temático e gestão do cotidiano escolar.

Licenciando deve cursar 4 unidades de estágio (4 X 60 horas = 240 horas)

### \*3 – Disciplinas Eletivas do Curso de Licenciatura em Letras oferecidas pela FFLCH. Do conjunto, o aluno deverá escolher uma disciplina.

FLC0600 - Língua, Discurso e Ensino

FLC0601 - Ensino de Literatura Brasileira

FLC0602 - Literatura Portuguesa: Ensino-Aprendizagem

FLC0603 - Diversidade Cult. e Educação: as Lit. de Ling. Portuguesa em Perspectiva

FLL1005 - A Linguística na Educação Básica

FLM0640 - Aquisição/Aprendizagem do Alemão como Língua Estrangeira

FLM0652 - Lit. hispânicas: Processos Históricos e Perspectivas Teórico-Críticas

FLM0653 - Aquisição/Aprendizagem do Francês como Língua Estrangeira

FLM0661 - Abordagens Críticas e o Ensino da Literatura

FLM0666 - Ensino e Aprendizagem da Língua Italiana

FLT0344 - Literatura e Educação

### \*5 – Disciplinas de Estágio do Curso de Licenciatura em Letras oferecidas pela FFLCH.

Com essa atividade, o aluno completará 100 horas de estágio obrigatórias em Letras.

O aluno que cursar dupla habilitação deverá fazer as atividades de estágio na Habilitação em Língua Estrangeira.

Especificamente, na Habilitação de Inglês, o estágio será oferecido em Literatura.

### \*6 - Metodologia do Ensino Língua Estrangeira e/ou Português.

Cursar 2 semestres de Metodologia do Ensino específica da habilitação (bacharelado).

EDM0405 - Metodologia do Ensino de Português I

EDM0407 - Metodologia do Ensino de Francês I

EDM0409 - Metodologia do Ensino de Inglês I

EDM0411 - Metodologia do Ensino de Alemão I

EDM0413 - Metodologia do Ensino de Latim I

EDM0415 - Metodologia do Ensino de Línguas Orientais I

EDM0437 - Metodologia do Ensino de Italiano I

EDM0439 - Metodologia do Ensino de Espanhol I

EDM0441 - Metodologia do Ensino de Grego I

EDM0449 - Metodologia do Ensino de Linguística I

EDM0406 - Metodologia do Ensino de Português II

EDM0408 - Metodologia do Ensino de Francês II

ANEXO H – Matriz Curricular da Faculdade de Licenciatura em Letras da Universidade Metodista de São Paulo

<b>Componentes Curriculares (1º semestre)</b>
Linguagens e Filosofia, Linguagem: construção de significados, Estudo e visão crítica da gramática de língua portuguesa, Linguagem e cognição aprendizagem da gramática da língua inglesa.
<b>Componentes Curriculares (2º semestre)</b>
Linguagem e sociedade: cidadania e trabalho, História e formação do português e de suas literaturas, Gêneros biográficos em língua inglesa e suas manifestações socioculturais.
<b>Componentes Curriculares (3º semestre)</b>
Linguística: construção de sentido em línguas e literaturas de expressão portuguesa, Prosa em língua inglesa e suas manifestações socioculturais, Formação docente.
<b>Componentes Curriculares (4º semestre)</b>
Linguística aplicada à análise e à produção de textos em língua portuguesa, Poesia em língua inglesa e suas manifestações socioculturais, Estágio supervisionado em língua portuguesa, língua inglesa e literaturas, Eletiva II.
<b>Componentes Curriculares (5º semestre)</b>
Metodologia de pesquisa e da redação do texto científico em língua portuguesa e inglesa, Discurso e produção cultural em língua portuguesa, Gêneros jornalísticos em língua inglesa e suas manifestações socioculturais, Estágio supervisionado em língua inglesa, língua portuguesa e literaturas.
<b>Componentes Curriculares (6º semestre)</b>
Orientação para a produção de TCC, Textos acadêmico-científicos em línguas portuguesa e inglesa: produção e sentido, Educação, inclusão e Libras.

Fonte: <http://www.metodista.br/letras-lingua-portuguesa> Acesso em 14/04/2012

ANEXO I – Matriz Curricular da Faculdade de Licenciatura em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie

<b>Componentes Curriculares (1º semestre)</b>
Língua Portuguesa I, Linguística I, Produção Textual em Língua Portuguesa, Cultura Clássica, Língua Latina I, Teoria da Literatura I, Metodologia Científica, Língua Inglesa I, Língua Espanhola I, Ética e Cidadania I.
<b>Componentes Curriculares (2º semestre)</b>
Língua Portuguesa II, Linguística II, Língua Latina II, Teoria da Literatura II, Língua Inglesa II, Língua Espanhola II, Ética e Cidadania II, Didática (40 horas de estágio supervisionado), Fundamentos da Educação.
<b>Componentes Curriculares (3º semestre)</b>
Língua Portuguesa III, Linguística III, Teoria da Literatura III, Literatura Brasileira I, Literatura Portuguesa I, Língua Inglesa III, Produção de Textos em Língua Inglesa I, Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa (90 horas de estágio supervisionado).
<b>Componentes Curriculares (4º semestre)</b>
Língua Portuguesa IV, Teoria da Literatura IV, Literatura Brasileira II, Literatura Portuguesa II, Língua Inglesa IV 04, Produção de Textos em Língua Inglesa II, Literatura Inglesa I, Literatura Norte-Americana I, Metodologia do Ensino de Língua Inglesa (90 horas de estágio supervisionado), Educação e Alteridade.
<b>Componentes Curriculares (5º semestre)</b>
Língua Portuguesa V, Literatura Brasileira III, Literatura Portuguesa III, Língua Inglesa V, Literatura Inglesa II, Literatura Norte-Americana II, Projetos Educacionais para o Ensino de Língua Portuguesa (90 horas de estágio supervisionado), Políticas Educacionais, Educação de Jovens e Adultos, Libras, Trabalho de Graduação Interdisciplinar I (TGI-L I).
<b>Componentes Curriculares (6º semestre)</b>
Ensino da Gramática da Língua Portuguesa, Literatura Brasileira IV, Literatura Portuguesa IV, Literatura de Expressão de Língua Portuguesa, Literatura Infante-Juvenil, Língua Inglesa VI, Literatura Inglesa III, Literatura Norte-Americana III, Projetos Educacionais para o Ensino de Língua Inglesa (90 horas de estágio supervisionado), Tecnologia da Informação e Comunicação, Avaliação do Processo de Ensino-Aprendizagem, Trabalho de Graduação Interdisciplinar II (TGI-L II).

Fonte: [http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/Letras/2012/Matriz\\_Licenciatura\\_em\\_Letras.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/Letras/2012/Matriz_Licenciatura_em_Letras.pdf) Acesso em 14/04/2012

ANEXO J – Matriz Curricular da Faculdade de Licenciatura em Letras da Universidade São Judas Tadeu

<b>Componentes Curriculares (1º ano)</b>
Introdução aos Estudos Linguísticos, Língua Inglesa I, Língua Portuguesa I, Literatura Brasileira I, Literatura Portuguesa I, Produção de Textos em Língua Portuguesa I, Teoria da Literatura, Teorias e Técnicas de Tradução
<b>Componentes Curriculares (2º ano)</b>
Cidadania e Questões Contemporâneas, Didática e Currículo, Língua Inglesa II, Língua Portuguesa II, Literatura Brasileira II, Literatura Portuguesa II, Políticas e Organização do Sistema de Ensino, Produção de Textos em Língua Portuguesa II.
<b>Componentes Curriculares (3º ano)</b>
Libras, Língua Inglesa III, Língua Latina, Língua Portuguesa III, Linguística Textual, Literaturas Inglesa e Norte-Americana, Psicologia da Educação, <b>Tecnologia Educacional.</b>
<b>Componentes Curriculares (4º ano)</b>
Análise do Discurso, Didática Específica, Filosofia da Educação, Língua Inglesa IV, Língua Portuguesa IV, Literatura Brasileira III, Literatura Portuguesa III, Literaturas Infantil e Juvenil, Práticas e Projetos Educacionais, Produção de Textos em Língua Portuguesa III.

Fonte: [http://www.usjt.br/cursos/graduacao/curriculos\\_cursos/2012/licenciatura\\_letras\\_portugues\\_ingles.pdf](http://www.usjt.br/cursos/graduacao/curriculos_cursos/2012/licenciatura_letras_portugues_ingles.pdf) Acesso em 14/04/2012

## Anexo K - Formação Permanente do Professor Orientador de Informática Educativa

### Encontros e Cursos

O programa de Informática Educativa prevê a formação permanente dos educadores para atuação no desenvolvimento de habilidades voltadas para inclusão do universo midiático em que a escola, na sua dimensão social, está inserida.

- Curso para POIE recém designado – previsto na Portaria nº 5636/11;
- Cursos optativos de formação continuada para Professores Orientadores de Informática Educativa - POIE;
- Cursos optativos, para educadores da rede, na área de Tecnologia na Educação por meio de diferentes linguagens midiáticas e uso de softwares pedagógicos: para alunos portadores de deficiência visual, para alunos participantes das Salas de Apoio Pedagógico, de autoria, de produção de programa de rádio e os sugeridos e adquiridos para as escolas pela Secretaria Municipal de Educação;
- Cursos nas modalidades presencial e a distância em comunidades virtuais para educadores e alunos da rede;
- Jornada Pedagógica - Palestras e encontros regionalizados semestrais de jornada pedagógica prevista em calendário anual de organização das escolas.
- Encontros de Formação das equipes de Informática Educativa das Diretorias Regionais de Educação com elaboração de cursos e pautas conjuntas para os encontros mensais de formação continuada realizados com os Professores Orientadores de Informática Educativa de cada região da cidade de São Paulo.
  - Encontros mensais de formação
  - Curso de mediação em comunidade virtual
  - Curso de Ciranda de Mídias - Ed. Infantil
  - Itinerário Informativo do CIEJA e EJA Modular
  - Cursos optativos

Fonte: <<http://www.portalsme.prefeitura.sp.gov.br/Projetos/ie/AnonimoSistema/MenuTexto.aspx?MenuID=13&MenuIDAberto=12>> (Acesso em 10/06/2012)